

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO: PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS
SÉRIES INICIAIS
PROJETO: PROFESSOR NOTA 10

REGINA AMÉLIA DO CARMO
ROSINEIDE LIBERATO DA SILVA SILVEIRA
SABRINA GOMES DOS SANTOS LEITE
TERESINHA DE JESUS FERREIRA DE SOUSA
VANDEIR CARLOS ALVES

A RECICLAGEM COMO RECURSO UTILIZADO NA APRENDIZAGEM
DA
LITERATURA INFANTO-JUVENIL.

BRASÍLIA
2005

REGINA AMÉLIA DO CARMO
ROSINEIDE LIBERATO DA SILVA SILVEIRA
SABRINA GOMES DOS SANTOS LEITE
TERESINHA DE JESUS FERREIRA DE SOUSA
VANDEIR CARLOS ALVES

**A RECICLAGEM COMO RECURSO UTILIZADO NA
APRENDIZAGEM DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL.**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de
Brasília – UNICEUB, como parte das exigências
para a conclusão do Curso de Pedagogia –
Formação de Professores para as séries Iniciais do
Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10
Orientador: Jorge Leite de Oliveira

BRASÍLIA

2005

Dedicamos este trabalho às nossas famílias, aos amigos e profissionais que nos apoiaram durante a realização do nosso curso, especialmente ao professor e orientador Jorge Leite por acreditar em nossa capacidade.

Agradecemos primeiramente a Deus, que tem sido o alicerce e a força para que nós consigamos concluir o Curso de Pedagogia. Agradecemos, também, a colaboração de toda a equipe do UNICEUB, das amigas de trabalho e das nossas famílias que de alguma forma e há seu tempo contribuíram para o nosso trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO.....	
1 INTRODUÇÃO.....	08
2 LITERATURA.....	12
2.1.A origem da palavra literatura	12
2.2 O que é literatura?.....	12
2.3 Como surgiu a literatura dedicada à infância e que caminhos percorreu para vir da Europa para o Brasil	13
2.4 Literatura infanto-juvenil.....	15
2.5 A literatura em sala de aula.....	16
2.6 Como ler e por quê ler?.....	19
3 A ARTE.....	23
3.1 As manifestações da arte e sua importância no processo de ensino.....	26
3.1.1 A dança.....	26
3.1.2 O teatro.....	28
3.1.3 A música.....	32
4 O LÚDICO.....	35
4.1 O lúdico na aprendizagem.....	35
4.2 A importância da brincadeira.....	39
5 RECICLAGEM... ..	45
5.1 A reciclagem dentro de uma consciência ambiental.....	45
5.2 As oficinas num enfoque pedagógico.....	49
5.3 Reciclagem e literatura	51

6 CONCLUSÃO.....	54
------------------	----

REFERÊNCIAS	56
-------------------	----

ANEXOS

ANEXO I: vaivém

ANEXO II: Biloquê

ANEXO III: Caixa de presentes.

ANEXO IV: Jogo da paciência

RECEITA: LITERATURA

INGREDIENTES:

Família: É aqui que tudo começa

Professores: Em grande quantidade

Livros: Nunca deixe faltar

Sorrisos: Os mais variados possíveis

Imaginação: Em abundância

Incentivação: Quanto mais melhor

Recursos materiais: Tudo que estiver ao seu alcance

PREPARO:

Reúna sua família, professores e amigos;

Abra vários livros, manipule-os. Distribua vários sorrisos e use toda sua imaginação. Se sua imaginação for pequena peça a incentivação de seus professores que deverão usar recursos materiais à vontade. Prepare a fôrma da criatividade e deixe no forno da leitura por um bom tempo. No final, terá navegado por lugares dantes imaginados, enriquecido seu conhecimento e adquirido o gosto pela literatura.

Sabrina Gomes dos Santos Leite

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre a literatura e a reciclagem como recurso na aprendizagem da mesma. Faz uma revisão bibliográfica sobre a literatura, cuja abordagem norteia-se, na origem e como está sendo trabalhada a literatura nas escolas, onde é levantada a questão da falta de recursos materiais para o incentivo à literatura. Aborda-se também a arte e o lúdico como fonte de enriquecimento na aprendizagem da literatura. A reciclagem é abordada como uma alternativa barata e simples de contribuir na literatura onde envolve também a arte e o lúdico colaborando para o gosto da literatura e na formação de hábitos e atitudes em relação ao meio ambiente. Esta pesquisa não implica imediata intervenção na realidade, pois, é de cunho teórico. Porém, vem contribuir para o estudo e análise do que é literatura e como utilizar a reciclagem para o gosto pela mesma diante de escassos recursos materiais oferecidos atualmente na escola. Assim, a referida pesquisa contribuirá na criação de condições para a intervenção da realidade. A pesquisa tem como população-alvo os professores e pais, aos quais por meio de observações e conversas informais demonstram que, no geral, têm dificuldades em incentivar a aprendizagem e o gosto pela literatura. Com base no referencial teórico, nas observações e conversas não sistemáticas é apresentada uma proposta de aprofundamento teórico para discussões, análises e reflexões sobre o trabalho com a reciclagem para a aprendizagem da literatura.

Palavras-chave: literatura, reciclagem, aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Antes mesmo de falarmos sobre reciclagem, é preciso que pensemos com atenção o que vem a sê-la. Segundo (TEIXEIRA, 2001, p.35) “(...) reciclagem é todo o processo de transformação que envolve alterações de suas propriedades na criação do novo”. Desta maneira podemos então fazer um intercâmbio entre a reciclagem e oficinas pedagógicas, a fim de que a visão e o trabalho ambientalista não fique estagnado num único ponto. Sabemos que as técnicas pedagógicas das oficinas já vêm contribuindo muito para o despertar da criatividade, além de ser um meio de observação. Através delas, podemos detectar alguns problemas envolvendo timidez, nervosismo, falta de atenção entre outros. Por seu meio ainda é possível gerar na criança abordagens mais críticas, pois, à medida que ocorre o manuseio jamais é esquecida a informação, justamente por ter havido uma experiência anterior.

Já que em se tratando do tema ligado a oficinas de reciclagem, de forma pedagógica obteremos reações do sujeito, que utilizará a imaginação, a criatividade e a construção do novo, tão necessárias para tornarmo-nos seres criativos. Quando criamos, experimentamos, pensamos de várias maneiras e testamos, utilizando tempo e autoconfiança, que se desenvolverão a partir dos estímulos e do uso de espaços diferentes. Ao utilizar a imaginação a criança muitas vezes brinca de faz de conta. Para Meek (1985, p. 50) “(...) o imaginário proporciona não apenas a oportunidade de começar a partir de onde está atualmente, como também de usar suas experiências reais e imaginárias para linguagem e a aprendizagem ”. Dessa maneira pode-se então dizer que o fazer de conta está relacionado a um aumento da capacidade de pensamento, a uma melhor verbalidade, e na habilidade de narrar e contar história.

Sabemos que atualmente, a escola vem produzindo “(...) leitores com capacidade de decodificar textos, porém com grandes dificuldades de compreender o que lêem. Portanto não se deve ensinar a ler desta maneira, é preciso oferecer as crianças inúmeras oportunidades para aprenderem a ler e terem prazer em fazê-la”.

A reciclagem como recurso utilizado na aprendizagem da literatura infanto-juvenil contribui para o indivíduo na criação e construção de uma visão enriquecida da leitura, uma vez que usa o imaginário juntamente com o código escrito. Trata-se de uma situação na qual a criança põe em jogo várias habilidades, ou seja, uma oportunidade para sua aprendizagem. Essa circunstância requer da criança uma atividade de reflexão, favorecendo a evolução na resolução das questões apresentadas no código escrito.

Para aprender a ler e a gostar da literatura, portanto, é necessário que a criança faça uma interação com a diversidade textual escrita e receba incentivos e ajuda de leitores experientes. A leitura como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. É uma resposta a um objetivo, uma necessidade pessoal. Não se lê só para aprender, não se lê de forma única.

A leitura é uma forma de comunicação. E como diz Francis Vanoye “Toda comunicação tem por objetivo a transmissão de uma mensagem”. Assim sendo, realiza-se a leitura para decifrar uma mensagem.

Através de observações não sistemáticas, pôde-se observar a falta de recursos pedagógicos na rede pública de ensino que incentivem a leitura, uma vez que se percebe a dificuldade dos docentes no processo de ensino aprendizagem da leitura infanto-juvenil. Observa-se também o aumento da produção de lixo, que vem afetando a qualidade de vida atual, além de colocar em risco a sobrevivência das futuras gerações e graves problemas ambientais. Diante disso, foi escolhido o tema – **A reciclagem como recurso utilizado na aprendizagem da literatura infanto-juvenil** – para contribuir com educadores no trabalho pedagógico da aprendizagem literária. “O uso do material concreto é indispensável, bem como as atividades lúdicas que servem de meios para solidificação de conceitos. (BERTONI, palestra 16/08/2003).

Já é comprovado por vários estudos feitos que o ser humano desenvolve-se mais quando passa a utilizar e manusear materiais diversos, tendo em vista algum propósito. Além de tornar mais agradável seu aprendizado desenvolvem-se habilidades, tais como: ouvir, discutir, dialogar, dramatizar, ler, relatar. Tudo isso ajudará no crescimento individual e até mesmo no crescimento como membro de um grupo.

Assim esse trabalho tem como proposta, a apresentação de conhecimentos sobre a reciclagem num enfoque da aprendizagem literária infanto-juvenil. Dando-se a estimulação do ser para que confiem na sua própria capacidade e façam mão de suas criatividade. Tornando-se

também leitores entusiasmados, refletindo assim na sua escrita e transformando com o tempo sua realidade, pois, produzir e contar histórias é resgatar o próprio destino, encontrando caminhos para a vida. Espera-se ainda com o estudo sobre reciclagem aliada à literatura, que os educadores possam refletir sobre sua prática docente.

Este trabalho tem como objetivo geral enfocar a importância da reciclagem como recurso utilizado na aprendizagem da literatura infanto-juvenil. E tem como objetivos específicos: esclarecer sobre a importância da literatura; valorizar a leitura como fonte de entretenimento; contribuir para que professores realizem um trabalho pedagógico relacionado a reciclagem incentivando na aprendizagem da leitura; valorização da consciência ambiental e estímulo ao uso de materiais descartáveis como forma de conscientização da natureza, extraindo dela riquezas de níveis intelectuais.

A literatura nasce com o homem, uma vez que, significa arte de ouvir e de dizer. Literatura infanto-juvenil é todo acervo literário eleito pela criança, ou seja, tudo que depois de aceito por ela, se fixou e se imortalizou. Segundo Carvalho (sd, p.48). “(...) literatura infantil é, portanto aquela que se pretende endereçar a criança”, logo, literatura infanto-juvenil é aquela voltada para crianças e jovens.

A literatura integra a criança ao mundo, sendo assim é importante que a leitura interesse-a sob todos os aspectos: intelectual, emocional, social, psicológicos dentre outros. Por este motivo não se pode apenas dar o livro à criança, pois, uma vez esta deve ser fonte de prazer e de fruição. Ao proporcionar um clima agradável para a leitura as crianças usarão também sua criatividade e imaginação. Utilizarão ainda uma linguagem inovadora e poética, o que as leva a uma reflexão crítica e transformadora, identificando-se assim com cada leitura. Após conhecermos à criança, faz-se necessário a estimulação da leitura para que esta venha a desenvolver sua liberdade e superar suas limitações ultrapassando barreiras que o próprio consciente não consegue alcançar.

As técnicas utilizadas na estimulação se darão de várias maneiras, dentre as quais, podemos citar o trabalho com a reciclagem. Através do manuseio com materiais diversificados os indivíduos criam as mais variadas formas e figuras. Todo esse material produzido por eles vão se juntar ao livro tornando o ato de ler, um fantástico momento, enriquecendo seu vocabulário e servindo até mesmo como companhia para os próprios criadores.

A literatura faz com que o ser descubra-se importante elo da longa corrente da vida e encontre seu verdadeiro lugar no mundo que está sempre em acelerada transformação e perpassando os tempos. Ela mostra-nos ainda que a vida é um contínuo aprendizado e um grande laboratório onde se processa todo conhecimento. “Literatura é um ato criador que, por meio da palavra, cria um universo autônomo, realiza o fantástico, onde os seres, coisas, fatos, tempo e espaço as semelham-se no mundo concreto”. (COELHO, 1994, p. 37).

Desta maneira é possível percebermos que o sentido do mundo só se concretiza quando através de fatores tornamos a vida mais real, utilizando métodos e recursos para sua concretização. O uso da literatura nos abre horizontes diferentes, fazendo mão dela compreendemos uma contínua sucessão, cortando então as amarras do passado e libertando o presente para novos valores.

Continuando nessa linhagem de pensamento podemos dizer que a literatura é uma arte que surge da vivência e da experiência do homem, como resultado da sua evolução que mesmo sendo lenta é contínua e transformadora de uma humanidade. Ela fundamenta-se em uma determinada maneira de conhecimento da vida, da arte, ou mesmo da palavra.

Diante da exposição feita acerca da importância da literatura e da reciclagem será realizado um trabalho de pesquisa teórica com o intuito de reconstruir teorias, conceitos e idéias acerca do tema escolhido. O trabalho dar-se-á por uma série de atividades, que chamaremos de requisitos. A observação será uma constante no desenvolvimento dele, serão feitas pesquisas e também debates para fundamentá-lo, a fim de obtermos bons resultados. Pretendemos ainda utilizar a leitura para enriquecer e fortalecer nossas experiências profissionais. Produzir conhecimento, além de fazer-se necessário no crescimento do aluno é um ato de cidadania que os professores têm a obrigação de despertar nos alunos demonstrando desta forma a educação como sendo estímulo à transformação. Assim, os docentes serão considerados agentes transmissores de herança cultural fazendo com que os discentes adquiram valores e comportamentos sociais.

2 LITERATURA

2.1 A origem da palavra literatura

A palavra “literatura” deriva do Latim *literatura*, que por sua vez se origina de “litera” e significa o ensino das primeiras letras, o ensino primário da escrita e das letras. Com o tempo a palavra ganhou melhor sentido e passou a significar “arte das belas letras” ou simplesmente arte literária Massaud (...).

2.2 O que é literatura?

Durante vinte e cinco séculos, as pessoas escreviam obras que hoje chamamos de literatura, mas o sentido moderno de literatura mal tem dois séculos, ela é o ato do falar ou evento textual que suscita certos tipos de atenção, é ainda vista como um tipo especial de escrita que pode civilizar não apenas as classes mais baixas, mas também os aristocratas e também as classes médias. Ela como instrumento ideológico não apenas realiza um ato singular e específico e sim desempenha um papel significativo na construção da identidade do leitor

A Literatura é uma linguagem específica que como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana que dificilmente poderá ser definida com exatidão. Ela pode ser considerada um evento lingüístico que se projeta num mundo ficcional. É desta maneira que Coutinho (1978, p. 22), assinala que,

A literatura como toda arte é a transfiguração do real e a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros, e com os quais elas tomam corpo e dão vida a novas realidades.

Chiappini (1997, p. 23) nos afirma que “(...) literatura se cria a partir da realidade de experiências de um “eu”, um objeto verbal, visando dialogar com o espírito e a emoção de um outro”, assim o discurso literário remete o leitor ao desejo de prolongar ou renovar as experiências da leitura ao qual está vinculado, criando-se então um elo entre o homem e o mundo, suprimindo as fantasias, desencadeando novas emoções e ativando assim nosso intelecto. Ela se sobrepõe ao momento histórico e exerce um fascínio permanente no leitor, porque nela existe uma verdade eterna capaz de atualizar-se constantemente.

Isso significa que o conceito da literatura é móvel, fluído e inconstante, pois, seu objeto, assim como a realidade que lhe dá forma é também transformada com o tempo. Observando desta forma, percebemos que produzir e narrar histórias é resgatar seu próprio destino, descobrir a que sonho pertencemos e encontrar caminhos para a própria vida.

A literatura oportuniza o enriquecimento de vida, abre um universo de oportunidades. Através dela o homem aprende, descobre, constrói e reconstrói idéias. Assinala Rosa “todos os meus livros são tentativas de rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, essa força movente, impossível, perturbante, rebelde a qualquer lógica, que é a gente mesmo, o mundo, a vida”.

2.3 Como surgiu a literatura dedicada à infância e que caminhos percorreu para vir da Europa para o Brasil

No século VII já existia uma literatura que trabalhava com o pensamento mágico, mas não era voltado para a categoria infância. Por esta razão não se pode dizer que sempre tenha existido uma literatura infantil ou juvenil. Para o surgimento dessa escrita específica no referido século, foi necessário que alguém se ocupasse de recolher narrativas já existentes até então, mas que precisassem de adaptações para o novo público. Mais tarde, a partir do século XVI, surgiram nomes que irão se imortalizar como “compendiadores” dessas histórias.

A literatura infanto – juvenil contemporânea realiza-se segundo as premissas básicas que nortearam seu aparecimento, porém já apresentando características novas diretamente ligadas á existência de um mercado de bens culturais onde o livro passou a integrar a sociedade.

Por isso a produção para crianças e jovens ligou-se a instituições coma escola e família, seguindo o propósito de instruir para melhor adaptar ao novo modelo de sociedade. Nos últimos anos, apesar do forte apelo mercadológico, a literatura infanto – juvenil tem se libertado do pedagogismo e do moralismo que inicialmente era tão comum e que aprisionavam as obras.

A paródia, embora seja um dos recursos mais utilizados nesta literatura, muita vezes resulta em textos engraçados, negando os primórdios textos ao qual remetiam forma quase simplista. A paródia contemporânea realizada com intertextualidade torna os personagens extremamente ricos e abertos para outras interpretações.

Alguns nomes marcaram o percurso dessa transição literária e que será denominada como “literatura infanto - juvenil”. Dentre os principais escritores e as principais obras desta literatura podemos citar:

- **Charles Perrault** (1628/1703), foi o precursor dos contos de fadas, que surgiu na França no século XVII.
- **Principais obras** (*contos da mãe gansa, A Bela Adormecida, Henrique do Topete, O Pequeno polegar e muitos outros*).
- **Jacob Grimm e Wilhelm Grimm**, os irmãos Grimm, na literatura dos irmãos não se encontram propriamente os contos de fadas, pois, suas produções distribuem-se em vários tipos de narrativas (Contos Maravilhosos, Contos de Fadas, Contos de encantamentos, Fábulas, Lendas, Contos de mistérios, contos Jocosos), na fantasia destes contos, vilões são castigados e heróis são premiados, havendo sempre uma mensagem positiva que se pode tirar dos heróis e do castigo dos vilões.
- **Principais obras** (*Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, Branca de neve e os Sete anões, Os Músicos de Bremen*).

- **Hans Cristian Andersen**, considerado o pai da literatura infantil, por escrever livros dedicados as crianças.
- **Principais obras** (*O patinho Feio, O Soldadinho de Chumbo, A roupa nova do Imperador e a pequena vendedora de fósforos*).

Além destes percursores, outros autores passaram a se interessar pela temática;

- **Raspe** (*as Aventuras do barão de Munchhausen*);
- **Collodi** (*Pinóquio*);
- **Lewis Canol** (*Alice no País das Maravilhas*);
- **Frank Baum** (*O mágico de OZ*)

Com as obras escritas, outra coisa era questão de debate, “qual seria a melhor técnica para ilustrações dos livros de literatura infanto – juvenil”. Tem-se observado que a variedade de técnicas enriquece as experiências das crianças. O problema reside no fato de determinadas técnicas favorecerem as impressões, principalmente em nosso país onde só agora começa o despertar pelo gosto das obras literárias.

Uma das maiores riquezas em termos de ilustrações estão nos traços de Mabel Lucie Atwell, ilustrador das primeiras cópias da Cia. (editora nacional dos contos de Grimm e Andersen) e de Belmonte, primeiro ilustrador dos livros infantis de Monteiro Lobato.

2.4 Literatura infanto - juvenil

Em função das inúmeras e constantes transformações sociais, definir literatura infanto-juvenil ficou muito complicado, justamente por causa das várias faixas etárias que já não são tão fixas, assim busca-se uma definição na educação. A literatura infanto-juvenil é dirigida ao público com faixa etária de 0 a 14 anos, não sendo necessário apenas limitar-se a um

determinado tipo de leitura, são grandes os aspectos de obras recomendadas às crianças e adolescentes, tais como fábulas, contos e narrativas contemporâneas.

Nestas narrativas podem ser incluídas, as regionais e folclóricas (lendas e histórias regionais), além disso, também toda a riqueza deixada, principalmente a mitologia grega e latina.

2.5 A literatura em sala de aula

Computador, Vídeo, DVD, internet, celular e TV são algumas das inovações tecnológicas que o mundo vem sofrendo, cada vez mais as pessoas vem adquirindo contato com essas inovações, daí a necessidade de reavaliarmos a literatura dentro da sala de aula, já que ela deve ser um processo de descoberta e de atribuição de significados levando o ser a uma forma de reflexão, visando construir um conhecimento e revelando a necessidade da ligação da leitura com o prazer. A linguagem é por si uma relação com o mundo, com o inconsciente e a história, daí a necessidade de desenvolver na criança o gosto pela leitura desde cedo, logo nas séries iniciais, fazendo-a assim compreender que abrir um livro é mergulhar em um mundo novo, onde cada informação é como uma chave para a ampliação de novos horizontes.

Como enfatiza nosso Currículo “é nas séries iniciais do Ensino Fundamental que acontecerá a assimilação de conceitos; buscando desenvolver as estruturas cognitivas, e fornecendo aos nossos alunos os subsunçores necessários”.

As aprendizagens significativas e à construção de competências. O processo de alfabetização, a introdução do aluno ao mundo letrado, deverá ser o mais agradável possível. O professor deve estar consciente de suas atitudes e atento às reações das crianças para afastar ameaças externas que possa tornar esse momento traumatizante. Para que a escola não se torne fonte de tortura e sofrimento para os alunos, é importante que o professor alfabetizador não só possua uma formação sólida nessa área, (como também seja sensível à experiência importante que as crianças estão vivenciando).

Estimular o hábito de ler na era da globalização tornou-se um desafio para pais e professores. Há um arsenal de novidades que concorre com os livros, alterando padrões e contribuindo para a construção de novos hábitos. Desta forma, é imprescindível um trabalho pedagógico de estimulação para o hábito da leitura.

É exatamente aí que a escola e o professor devem atuar; no resgate da leitura-prazer. Pois ao caracterizarmos a leitura como uma prática sociocultural que exige esforço e pressupõe trabalho por parte do leitor, somos tentados a compreender a leitura como algo enfadonho, uma vez que socialmente se estabelece uma divisão entre trabalho e prazer.

A literatura infanto – juvenil foi incorporada à escola e, assim imagina-se por decreto que todas as crianças passarão a ler... até poderia ser verdade, se essa leitura não viesse acompanhada na tarefa de dever, de tarefa a ser cumprida, mas sim de prazer de deleite, de encantamento. (ABRAMOVICH, sd, p.140)

A literatura em sala de aula tem sido principalmente um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem é necessário que faça sentido para a criança.

Infelizmente o que se percebe é um total desinteresse em se buscar algo que vá de encontro ao interesse do educando. Isso vem causando grandes prejuízos no processo literário de sala de aula, pois, em vez de se tornar um momento prazeroso termina sendo uma tortura para o aluno.

É necessário que no exercício da sala de aula o professor tente diminuir essas distorções, que há muito se instalaram na prática pedagógica em relação ao desenvolvimento da leitura, aproximando e encanto, fascinando o leitor e tornando-o sempre cativo. Pois, a função primordial da literatura na sala de aula é oportunizar a leitura ao prazer. Transformando-a numa descoberta de mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual.

Na sala de aula ainda é comum percebermos que muitas vezes deixamos em segundo plano a leitura no sentido apenas prazeroso, talvez pela falta de conhecimento das estratégias. Em sala ainda é muito natural a leitura acontecer apenas como uma obrigação que todos da turma, independente de apreciar ou não, têm por obrigação cumpri-la, não tendo opção de escolha. O livro é indicado como se todos tivessem o mesmo gosto literário e o que é mais

constrangedor, com data limite de devolução com análise desta literatura, vemos surgir aí um grande desrespeito com a individualidade de cada um.

Mesmo em escolas que se dizem “democráticas”, onde se dá o direito de escolher entre dois ou três gêneros, as referências são vazias, porque não se trabalham ainda com o livro visando sua qualidade e sim pela pronta entrega.

É preciso que se faça com o aluno um trabalho que lhe proporcione um maior contato com o texto e com o livro, uma chance de maior saber lidar com suas experiências e seus sentimentos, sendo mediador junto com o texto. Desse modo, o leitor será crítico e o livro será para ele um desencadeador de interesses e curiosidades, pois, o leitor deverá antes de qualquer coisa decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, refletindo então sobre isso e formando o próprio conhecimento e opinando então sobre o que leu.

Mesmo parecendo confuso, ao nos remetermos para o dicionário Aurélio (2001, p 423) percebemos que tudo se esclarece, pois lá, ler dentre vários outros significados, é decifrar e interpretar o sentido de algo, é perceber, adivinhar. Logo a leitura é um processo de descoberta, e de atribuição de significações que levam a uma reflexão, visando construir um conhecimento.

Quando nos deparamos com a palavra adivinhar, percebemos a mística da leitura, uma vez que ao adivinharmos algo, nos vê como seres mágicos capazes de transformar o desconhecido, descortinando o mistério das letras, e isso revelam a necessidade da ligação da leitura com o prazer.

Os objetivos da leitura em sala de aula devem ser revistos, é preciso que aja uma conscientização que não se lê só para aprender a ler, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, se lê para desenvolver prazeres interiorizados, sendo assim não é necessário submeter os alunos a verdadeiras aulas de leitura para torná-los bons leitores.

Para tornar os alunos bons leitores é necessário desenvolver muito mais a capacidade, o gosto e o compromisso com a leitura, é preciso fazê-los ver que a leitura é algo interessante e desafiador, estimulando sua confiança que será uma condição indispensável no seu desafio. Despertar no aluno o sentido crítico, a atitude de saber ouvir, analisar o que lhe é transmitido é contribuir para o futuro dele ajudando-o a criar noções de respeito às diversas formas de pensar.

Uma vez dito isso, percebemos que formar um leitor competente supõe formar alguém que compreende o que lê e que possa aprender a ler também o que não está escrito, estabelecendo relações entre o que lê e outros textos já lidos.

Diante de tudo que foi exposto podemos refletir e pensar que cabe a escola o papel de resgatar o prazer da leitura no aluno, pois, como diz Alves (1999, p. 61), “(...) de tudo que as escolas podem fazer com as crianças, não há nada de importância maior que o ensino maior que o ensino do prazer da leitura, uma vez que é pela palavra que se entra no mundo”.

2.6 Como ler e por que ler?

O conceito de literatura é móvel, fluído e inconstante, pois, seu objetivo, assim como a realidade que lhe dá forma também se transforma com o tempo. Essas definições exprimem conceitos criados em um determinado contexto e momento histórico.

Pensando assim, percebemos que produzir e narrar história é resgatar o próprio destino, descobrir a que sonhos pertencem e encontrar caminhos para a própria vida. Então se entende ser importante reconhecermos a função primordial da leitura que oportuniza o prazer sem servir apenas como exercício de compreensão de textos.

As atividades de leitura são necessárias no desenvolvimento do indivíduo, por despertar o sentido crítico e a atitude de saber ouvir e analisar melhor a vida contribuindo assim para um futuro interesse pela literatura, bem como também ao respeito das diversas formas de pensar e se expressar.

Sabendo-se que o texto e o livro são maiores chances de aprender a lidar com nossas próprias experiências e nossos próprios sentimentos então podemos dizer que são os livros os mediadores entre o texto e o leitor são ainda desencadeadores de interesses e curiosidades”.

O indivíduo tem que ter a oportunidade de manusear, folhear buscar, achar, separar, repensar, rever, reescolher, para que assim desperte a curiosidade por uma determinada obra ou um determinado autor.

Considerando a importância da literatura, pode-se afirmar que, se o professor está comprometido com uma proposta transformadora de educação, ele encontra na literatura os recursos favoráveis, para que possa atingir seus objetivos. Nesse caso, faz-se necessário investir na formação do leitor, incentivando-o ao hábito da leitura, de modo a aumentar sua experiência literária.

O papel da escola é decisivo neste processo e as pesquisas têm mostrado que “em toda parte, os estudantes são, sem dúvida, leitores mais assíduos, mas um vez terminados os estudos eles também se expõem ao perigo de se tornarem não leitores” (BARKER e ERCARPIT 1975, p. 22).

O primeiro passo para a formação do hábito de leitura é a oferta de livros próximos a realidade do leitor, que tenha situações significantes para ele.

A literatura infanto-juvenil brasileira preenche esses requisitos ao fornecer livros que se identifiquem com o alunos pela linguagem, pelo ambiente, pelas características dos personagens, as situações colocadas pelos problemas. A familiaridade do leitor com a obra, geram uma predisposição para a leitura e como consequência o despertar do prazer de ler.

Quando o professor realiza um trabalho com literatura em sala de aula, deve partir das expectativas dos alunos procurando atender os interesses dos mesmos. Deve levar em conta os que os alunos são sujeitos diferenciados, e que tem portanto, interesses de leitura variados e partindo dessas considerações, deve observar a idade, a escolaridade, o sexo e o nível socioeconômico.

A leitura vem satisfazer, em cada grupo um tipo de necessidade social. Para os menos favorecidos supre carências e aponta para o mundo melhor. Para os privilegiados, serve de instrumento de apropriação do real, de forma a favorecer a adaptação social e a promoção.

O professor deve sustentar seu trabalho em objetivos mais ambiciosos: não apenas satisfazer os interesses imediatos dos alunos, oferecendo-lhe leituras repetitivas e redundantes que venham somente aguçar, atender ao gosto, mas aguçar-lhe a curiosidade para o textos que representem a realidade de forma cada vez mais abrangente e profunda.

Para oferecer ao aluno condições de ampliar seu universo cultural, o professor de literatura conta com meios eficientes: a natureza do material de leitura e a complexidade das formas de abordá-lo.

Partindo das preferências do leitor, o trabalho deve orientar-se de maneira dinâmica, do próximo para o distante no tempo e no espaço, optando inicialmente por textos de autores atuais, familiares pela temática apresenta, pelos personagens delineados pelos problemas levantados, pelas soluções propostas, pela forma como se estruturam e pela linguagem de que se valem.

Após esses procedimentos devem-se propor novas obras, menos conhecidas, de autores contemporâneos e/ou do passado que introduzam inovações em alguns aspectos citados.

O professor deve buscar alternativas mais exigentes em que o aluno participe do planejamento de todas as etapas de consecução.

O estudo de literatura transforma-se em um pacto entre professor e o aluno, e em ambos dividem responsabilidades e méritos. Incentivando a ação, ele se compromete como projeto de ensino de literatura, exigindo maiores oportunidades de se firma como sujeito participante de seu grupo.

A dinâmica do processo literário concretiza-se na medida do prazer que o trabalho provoca. As atividades lúdicas vão ao encontro dos interesses da criança e do jovem, que tem no jogo o exercício simbólico das práticas sociais e dos sentimentos humanos (AGUIAR e BORDINI 1993, p.12).

Alguns princípios básicos norteiam o ensino da literatura: o atendimento aos interesses do leitor, a provocação de novos interesses que lhe agucem o senso crítico e a preservação do caráter lúdico do jogo literário. Assim o professor estará resgatando as funções básicas de toda a arte: captar o real e repassa-lo criticamente, sintetizando-o de modo inovador, por meio de infinita possibilidade de um arranjo de signos. O resultado final será um comportamento permanente de leitura, em que o texto se apresenta como um desafio a ser vencido, quando situações gratificantes que vão garantir a continuidade do processo de fruição de leitura.

A leitura do professor é pré-requisito da leitura do aluno, sem que isto queira dizer que a interpretação do aluno deva ser atrelada a do professor. Se o aluno consegue atingir outros sentidos e conseguir comprová-los pela evidencia contidas no texto, não cabe ao professor questionar a leitura que realizou.

Torna-se necessário que o professor conheça algumas teorias literárias que lhe defina os limites de seu campo de trabalho, o que facilitara a seleção de textos e a escolha de método de abordagem textual. Segundo Souza (1986, p.56):

Uma teoria literária é uma forma de investigação científica que se exerce pela observação e análise de um corpus hipoteticamente delimitado como literário. Seu objetivo e a literatura strico senso, ou seja, determinadas composições verbais em que a linguagem se apresenta elaborada de maneira especial, nas quais se dá a constituição de universos imaginários ou ficcionais.

As teorias literárias investiram seu objeto a partir de diferentes perspectivas sobre o que é literário ou não. A exigência que se pode fazer a uma teoria literária é que estabeleça claramente o que para ela é a literatura e que o investigue com rigor científico, a partir dessa definição hipotética.

O professor egresso de um curso de Letras ou Magistério, nem sempre faz idéia de que sua tarefa de ensino de literatura não é inocente, mas vem direta ou indiretamente impregnada de noções que acabam por funcionar, e como critérios para a crítica e a avaliação das obras, bem como para a organização dos processos de leitura e interpretação ao nível do aluno.

Para saber identificar o texto de melhor ou pior qualidade literária, ou optar por um método de compreensão e interpretação de uma obra o professor deve partir de pressupostos teóricos que podem auxiliá-lo. As concepções do literário podem ser agrupadas em duas classes principais: as que valorizam o discurso lingüístico e suas representações ideais, como a estilística, a fenomenologia, o formalismo russo, o estruturalismo e a semiologia. E as que valorizam a equivalência entre o universo real como a teoria de Aristóteles, a sociologia literária e a estética da recepção. A partir dessas observações, o professor poderá traçar algumas diretrizes que facilitem a tomada de decisões nessa área do ensino da literatura.

3 A ARTE

Segundo Tufano (1990, p. 01), “o que diferencia fundamentalmente os seres humanos dos outros seres que há na natureza é a sua capacidade de criar a cultura”. O autor mostra que o homem por meio de sua inteligência produz a cada instante uma relação com o meio em que vive. Dentre as criações culturais do homem, há uma que está sempre presente em qualquer grupo socialmente organizado que é a arte, seja em uma ou varias de suas manifestações, como a dança, a pintura, o canto, a escultura, o desenho e outros.

A linguagem da arte nasceu da origem em reparar a cisão entre o homem e o mundo. Pode-se notar que a arte rupestre foi o primeiro registro do homem e que serviu de modelo para a representatividade da arte nos dias atuais. Essa arte em seu interior simbolizava as várias necessidades e temores humanos daquela época.

Segundo os PCNs (1997), a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana.

Nesse aspecto, pode-se dizer que a arte é um tesouro cultural que faz parte da história de um povo. Nota-se que a arte tem sido usada como um dos principais meios de expressão dos sentimentos, crenças, valores e emoções dos seres humanos, sejam quais forem suas raízes culturais. De acordo com a Enciclopédia Encarta o conceito de arte é definido por:

Arte é uma atividade regular e disciplinada, que pode estar limitada à habilidade, como pode também se expandir, criando uma visão distinta e peculiar do mundo. A palavra arte é derivada do latim *ars*, significando habilidade. A arte é, pois, a habilidade de desenvolver um conjunto de ações especializadas, desde a jardinagem ao jogo de xadrez.

Entretanto, dentro de um entendimento mais específico, arte envolve não apenas habilidade, mas, sobretudo imaginação, seja na música, na literatura, na apresentação visual ou na interpretação.

Resumindo, a arte é a interpretação peculiar de alguém, diante dos acontecimentos passados, ou diante do comportamento social hoje e de seus supostos desdobramentos futuros, que anunciam modificações significativas no mundo todo ou em regiões específicas, despercebidas, por ora, ao cidadão comum, mas que são captadas e materializadas na pauta de um compositor, na pena de um poeta, nos pincéis de um pintor ou no cinzel de um escultor.

A arte implica na interação contínua e constante entre o artista e a sociedade. Não importa qual a reação do público, se positiva ou negativa, o que importa é que o artista conseguiu incomodar, provocando um retorno diante de seu trabalho. O inconformismo do artista diante do mundo, traduzido em sua obra, só é válido na medida em que desperta sentimento em quem contempla o trabalho. A apatia é a inimiga número um da arte.

Segundo Biasoli (1999), a arte e seu ensino, ao longo de sua história, é conceituada sob vários pontos de vista. É pela arte que se tem à representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam uma sociedade ou um grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e suas crenças. De acordo com Frange (1994):

Arte são manifestações culturais da atividade humanas contextualizadas em um a sociedade e diante das quais nos sentimos seduzidos, assombrados, desafiados e apaixonados por suas belezas e suas feiras. (FRANGE, 1994, p. 59).

Ainda, em relação à arte Biasoli (1999) cita Vieira (1985) que tem a seguinte concepção:

Arte é expressão cultural e cultura é a prática de criar e dar significado as coisas criadas no nosso dia-a-dia, relacionando o imaginário individual do sujeito que é criado peã coletividade social com propósito de articular o eu com o mundo. Não uma relação passiva, mas, ativa tornando a experiência um elemento precipitador de mudança. Vieira (1985. p, 46) .

Nesse sentido, a busca da identidade cultural não pode, de forma alguma alcançar um resultado significativo sem o conhecimento das artes. A arte capacita também o sujeito a aprender e analisar a realidade do meio ambiente, inserindo-o no lugar ao qual pertence e possibilitando-lhe mudar a realidade aprendida.

Segundo Biasoli (1999), esse fato aponta para a necessidade de pensar a arte, numa concepção de conhecimento, não como um produto estático e acabado, mas como um processo de investigação, de construção, de desconstrução do real, como conhecimento em processo.

Neste contexto, a epistemologia da arte, num espaço multicultural, é diversa, complexa, abrangente, heterogênea, repleta de conceitos e imagens que se estendem além de seus significados.

É refletindo ainda nestes elementos Biasoli (1999) continua afirmando que :

O ensino da arte deve ter como base a educação estética e a educação artística. A primeira deve propiciar a compreensão e o conhecimento dos legados culturais e artísticos da humanidade inseridos em um determinado tempo/espaço/histórico-social, permitindo também ao aluno, unir o fazer e o refletir, ou seja, pensar o que faz. Já a educação artística deve propiciar a vivência das linguagens específicas expressivas da arte, o que envolve o fazer artístico, a criação de formas e expressão oriundas de sínteses emocionais e cognitivas. Biasoli (1999, p.102).

Pode-se dizer que o ser humano que não conhece a arte tem uma experiência de aprendizagem limitada. Segundo os PCNs (1997), as pesquisas desenvolvidas a partir do início do século em vários campos das ciências humanas trouxeram dados importantes sobre o desenvolvimento do aluno por intermédio do estudo relacionado com a arte nas suas diversas modalidades.

No Brasil pode-se observar que a história da arte é integrada a diferentes orientações e finalidades. O ensino da Arte, segundo os PCNs (1997, p.25), “é identificado pela visão humanista e filosófica que demarcou as tendências tradicionais”.

Os estudos relacionados à arte na primeira metade do século XX, nas escolas tradicionais valorizavam principalmente as habilidades manuais, os dons artísticos, os hábitos de organização e precisão, numa visão utilitária e imediata da arte.

Observa-se que o ensino da arte era voltado para o domínio técnico, centrado na pessoa do professor que transmitia os códigos relacionados com disciplina. Nesse sentido pode-se dizer que as demais atividades relacionadas com a arte como a música, o teatro, a dança, a

pintura e outros não eram valorizados, sendo utilizados apenas em momentos de confraternização ou datas comemorativas.

De acordo, com os PCNs (1997), o período relacionada aos anos vinte até os dias atuais, traz em seu interior a linha do tempo de várias tentativas de se trabalhar a arte fora da escola, vive-se o crescimento de movimentos culturais, anunciando a modernidade e vanguardas.

O ponto marcante dessa época foi a “Semana de Arte Moderna de São Paulo”, em 1922, no qual estiveram envolvidos artistas de várias modalidades: artes plásticas, música, poesia, dança, escultura e outras manifestações artísticas.

3.1 As manifestações da arte e sua importância no processo de ensino

Ao trabalharmos a dança, o teatro e a música, poderemos estar desenvolvendo a reciclagem juntamente, por estarmos dando sempre uma nova vestimenta a essas ações. Considerando então que estes elementos são importantes no processo do desenvolvimento literário

3.1.1 A dança

Segundo Andrade (2005), “Dançar é definido como uma manifestação instintiva do ser humano. Antes de polir a pedra e construir abrigos, os homens já se movimentavam ritmicamente para se aquecer e comunicar”.

De acordo com a autora, a dança é considerada a mais antiga das artes, ela também a única que dispensa materiais e ferramentas. Ela só depende do corpo e da vitalidade humana

para cumprir sua função enquanto instrumento de afirmação dos sentimentos e experiências subjetivas do homem.

Andrade (2005), mostra que para certas correntes da antropologia, as primeiras danças humanas eram individuais e se relacionavam à conquista amorosa. As danças coletivas também aparecem na origem da civilização e sua função associava-se à adoração das forças superiores ou dos espíritos para obter êxito em expedições guerreiras ou de caça ou ainda para solicitar bom tempo e chuva.

O desenvolvimento da sensibilidade artística determinou a configuração da dança como manifestação estética. No antigo Egito, 20 séculos antes da era cristã, já se realizavam as chamadas danças astroteológicas em homenagem ao deus Osíris. O caráter religioso foi comum às danças clássicas dos povos asiáticos. Na Grécia clássica, a dança era freqüentemente vinculada aos jogos, em especial aos olímpicos.

Com o Renascimento, a dança teatral, virtualmente extinta em séculos anteriores, reapareceu com força nos cenários cortesãos e palacianos. Uma das danças cortesãs de execução mais complexa foi o minueto, depois foi à valsa, considerada dança cortesã por excelência, e com ela se iniciou a passagem da dança em grupo ao baile de pares.

A configuração de um gênero de dança circunscrito ao âmbito teatral determinou o estabelecimento de uma disciplina artística que, em primeira instância, ocasionou o desenvolvimento do balé e, mais tarde, criou um universo dentro do qual se deu desenvolveram gêneros como os executados no music – hall, como o sapateado e o swing. A divulgação da dança se deu também fora do mundo do espetáculo, principalmente nas tradições populares.

Observa-se no contexto atual que pela primeira vez na história do Brasil, a dança faz parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais da educação. Nos dias cada vez mais toma-se consciência da importância da dança como forma de expressão do ser humano. A dança hoje é percebida por seu valor em si, muito mais do que um passatempo, um divertimento ou um ornamento.

Na educação, ela deve estar voltada para o desenvolvimento global da criança e do adolescente e vai favorecer todo tipo de aprendizado que eles necessitam. Uma criança que na pré-escola teve a oportunidade de participar de aulas de dança, certamente, terá mais facilidade para ser alfabetizada, por exemplo.

Segundo Andrade (2005), “ a dança educativa revela a alegria de se descobrir por meio da exploração do próprio corpo e das qualidades de movimento ”. Ainda de acordo com a autora este trabalho é dirigido para crianças a partir de três anos de idade e tem como ponto de partida a movimentação natural delas.

Percebe-se que uma vez entendido a riqueza das possibilidades de movimento de uma pessoa, ficou impossível reduzir o ensino da dança para a repetição de alguns passos e gestos. Foi preciso um novo enfoque para dar conta das variações quase infinitas deles. Em vez de estudar cada movimento particular, o aluno compreende e pratica seus princípios.

Andrade (2005) afirma que “tradicionalmente, a dança é algo para ser apresentado e visto”. No mundo contemporâneo, entretanto, esta barreira entre o artista e o público está sendo quebrada.

O desafio segundo a autora é estabelecer um diálogo mais próximo também entre a arte e a educação em uma mesma atividade, isto visa proporcionar vivências de dança que articulem a criação pessoal e coletiva de movimentos, a apreciação e o conhecimento da dança de modo a integrar a razão e o sensível, o individual e o coletivo, a arte e a educação. Por meio da utilização de uma metodologia específica, busca-se o alcance de qualidades físicas e psíquicas próprias da infância e da adolescência.

3.1.2 O teatro

Segundo Tufano (1990), é comum ouvir dizer que o teatro começou na Grécia, há muitos séculos atrás. No entanto, existem outros exemplos de manifestações teatrais anteriores aos gregos. Por exemplo, na China antiga, o budismo usava o teatro como forma de expressão religiosa. No Egito, um grande espetáculo popular contava a história da ressurreição de Osíris e da morte de Hórus. Na Índia, se acredita que o teatro tenha surgido com Brama. E nos tempos pré-helênicos, os cretenses homenageavam seus deuses em teatros, provavelmente construídos no século dezenove antes de Cristo. É fácil perceber através destes poucos exemplos, uma origem religiosa para as manifestações teatrais.

No entanto, pode-se olhar ainda mais para trás quando se lembra que o teatro é a imitação de uma ação e que o ato de imitar está presente na essência dos mais primitivos rituais que conhecemos. É por meio da imitação que a criança se desenvolve aprendendo a falar e a agir.

Comparando este homem primitivo com uma criança, pode-se observar que ambos são completamente ignorantes em relação ao universo que os cerca. E muito provavelmente, este homem, ansioso por encontrar respostas para as suas perguntas, tenha começado a construir um acervo de mitologias, religiões e rituais, numa tentativa de explicação do mundo, dos fenômenos naturais, da vida, do nascimento, da morte.

Na história do pensamento humano, de acordo com Tufano (1990), o mito surge como uma tentativa de explicação, compreensão e controle do mundo. É através do mito que o homem primitivo tenta compreender os fenômenos da natureza, atribuindo-lhes uma origem divina. A palavra mitologia está ligada a um conjunto de narrativas da vida, das aventuras, viagens, afetos e desafetos dos mitos, dos deuses, dos heróis. Existem diversas mitologias: cristã, egípcia, hindu, grega e outras.

Segundo Tufano (1990), as primeiras platéias brasileiras e os primeiros atores brasileiros eram os índios catequizados. O Padre José de Anchieta deixou entre seus escritos algumas peças de teatro. Os textos visavam à catequese dos índios e foram os primeiros a serem montados no Brasil. Na dramaturgia de Anchieta estão "*Na Festa de São Lourenço*", "*Pregação Universal*", "*A Santa Inês*", "*Na Vila da Vitória*". "*Mistério de Jesus*" e "*O Rico Avarento e o Lázaro Pobre*".

O autor mostra que nos séculos seguintes o teatro brasileiro se diversifica pouco. No século XVII, o baiano Manoel Botelho de Almeida escreve obras-teatrais e Antônio José da Silva, o Judeu, contribui com peças que eram encenadas no Teatro do Padre Ventura, no Rio de Janeiro. Também nesse período alguns espetáculos eram trazidos de Portugal e da Espanha e apresentados no Teatro de Manuel Luís, também no Rio. Os grupos amadores tinham a praça pública como palco.

Segundo o autor a temática teatral, até então, era muito distante da realidade brasileira colonial. O início do século XIX marca uma mudança profunda na dramaturgia brasileira. O Romantismo é a fase literária em que aparece a temática cotidiana e histórica do país. Os autores de teatro que marcaram essa época são: Gonçalves de Magalhães, Martins Pena,

Leonor de Mendonça, Castro Alves e Joaquim Manuel de Macedo. Alguns seguiram a linha do drama e outros da comédia.

O primeiro ator a se destacar foi João Caetano. Carioca, nascido em 1808, interpretou clássicos de autores de teatro como Shakespeare e Molière, além de autores brasileiros. Hoje o ator dá nome a uma importante sala de teatro do Rio de Janeiro, que anteriormente se chamava de Real Teatro São João e foi construída em 1810 a mando de D. João VI.

Tufano (1990), afirma que na segunda metade do século XIX, a literatura brasileira ganha autores ilustres, como Machado de Assis e Aluisio de Azevedo. Era o realismo, a literatura com pitadas de humor, sarcasmo e profundamente ligada à realidade e crítica à hipocrisia das elites brasileiras. Os textos teatrais têm Arthur de Azevedo como seu maior representante. O escritor era também jornalista, por isso ligado às questões político-sociais do país. Entre suas peças estão *A Capital Federal* e *O Mambembe*, até hoje montadas pelo Brasil.

Para o autor, o final do século XIX e início do século XX marcam a construção de grandes teatros pelo Brasil, como o Teatro Amazonas (1896), o Teatro Municipal do Rio (1909) e o Teatro Municipal de São Paulo (1911). Esses grandes teatros foram inspirados na Ópera de Paris e abrigavam, em princípio, obras tidas como “eruditas”: óperas, orquestras, apresentações de grupos e artistas estrangeiros. Hoje esses lugares recebem todo tipo de espetáculos, do clássico ao regional.

Segundo os Parâmetros Curriculares (1997, p.83), “o ato de dramatizar esta potencialmente contida em cada um, como uma necessidade de compreender e representar uma realidade”. Dramatizar é mais que uma realização de necessidades individuais é uma atividade coletiva em que a expressão individual é acolhida

A encenação na criança é uma atividade enriquecida pela sua imaginação. Por isso, a dramatização é uma poderosa arma para a escola como fator educativo.

Há crianças que perdem complexos e corrige falhas de articulação das palavras, gagueira, tiques, quando se inteiram as personagens vividas. Libertando-se de sua personalidade, pelo prazer de viver uma nova experiência acabam por curar-se. (CARVALHO 1989, p. 192).

A dramatização é a forma mais completa de educar e recrear. Sintetiza todas as atividades culturais, artísticas e recreativas. O professor deve ser apenas um orientador, toda a espontaneidade, deve vir da criança.

Toda criança é um ator. Na infância, sua vida é, em si uma eterna encenação. Os seus interesses acontecem de acordo com a idade. Entre os quatro e seis anos são de interesse as pantomimas, jogos dramáticos, as histórias de fadas e bruxas, as fábulas, e as lendas folclóricas.

Depois de seis anos, as peças já podem ser escritas e mais longas. De início, as fábulas e o Folclore, ampliando-se com peças em que entrem fatos e personagens, em relação com o mundo real, explorando os sentimentos morais e sociais.

Na adolescência, a partir dos doze anos, podem ser apresentadas adaptações de obras clássicas. Nessa fase a dramatização ajuda a disciplina a inquietação do adolescente, pois o mesmo passa a ocupar o seu tempo interessando-se mais pelas atividades exigidas.

As peças podem ser feitas pelos próprios alunos, com a supervisão do professor, que orienta e dá os devidos retoques. O trabalho deve ser todo realizado pelas próprias crianças, auxiliadas e orientadas apenas.

A dramatização aperfeiçoa a leitura; corrige a pronúncia; aprimora a dicção; desenvolve a memória, a inteligência e a compreensão.

Com isso, estimula o senso estético e crítico, educa o espírito e a conduta. Enfim, a dramatização pode ser entendida como o maior fator de socialização, desenvolvendo o espírito de solidariedade e de cooperação, pois segundo os PCNs (1997), ao participar de atividades teatrais, o indivíduo tem a oportunidade de se desenvolver dentro de um determinado grupo social de maneira responsável, legitimando os seus direitos dentro desse contexto estabelecendo relações entre o individual e o coletivo, aprendendo a ouvir, a escolher e a ordenar opiniões, respeitando-as diferentes manifestações, com a finalidade de organizar a expressão de um grupo.

Quanto a aprendizagem, a dramatização globaliza todos os ensinamentos desde o artístico literário a atividade manual.

Com a dramatização, o indivíduo cultiva a Literatura, a música, a história, o Folclore, a fábula, a geografia, a matemática, as ciências naturais e sociais e até línguas estrangeiras, ao lado do desenho, da pintura dos trabalhos manuais na confecção de cenário, bonecos e outros.

3.1.3 A música

Cantar é algo natural que provoca prazer, o canto e a dança são ações inerentes ao homem, é comum vê-los nestas manifestações, tanto em culturas desenvolvidas como em ritos primitivos ”.

A música surgiu desde a pré -história ligada aos rituais religiosos.

As crianças gostam, aprendem com amigos, família ou com meios de comunicação vários estilos de músicas. Quando a criança ouve músicas, canta ou dança, ela desenvolve diversas habilidades. Este é um recurso bastante aceito pelas crianças e permite o desenvolvimento do trabalho em grupo, da linguagem oral e escrita e de diferentes habilidades onde os pontos fundamentais de desenvolvimento se integram: físico-motor, psicossocial e cognitivo.

Huizinga (2000, p.178) classifica a música como adequada a crianças e jovens justificando:

“Como todas criaturas jovens são incapazes de conservar em repouso os seus corpos e suas vozes, como precisam movimentar-se constantemente e fazer ruídos de alegria, precisam correr, saltar, dançar e emitir toda espécie de gritos ”

Música é o som produzido por voz e/ou instrumentos, é sentimento, é coração.

A música acalma, relaxa ou estimula a mente.

A palavra grega mousikós -- "musical", "relativo às musas" referia-se ao vínculo do espírito humano com qualquer forma de inspiração artística. A evolução do termo, porém, limitou-o às formas de criação estética relacionada à combinação dos sons e que abrangem, no Ocidente, o amplo desenvolvimento de uma arte que, em seus aspectos mais característicos, teve início no fim da Idade Média.

A música oriental evoluiu de forma independente e com marcadas diferenças em relação à ocidental, mesmo depois da aproximação entre ambas, no final do século XIX. Como no Ocidente, a tradição religiosa marcou consideravelmente os gêneros e, indiretamente, os estilos de execução e composição. A música antiga japonesa, de instrumentos peculiares e tendências dramáticas, como no teatro Nô e kabuki, aproximou-se notavelmente, no século XX, da música européia.

Música é a arte de coordenar fenômenos acústicos para produzir efeitos estéticos. Em seus aspectos mais simples e primitivos, a música é manifestação folclórica, comum a quase todas as culturas: nesse caso, essencialmente anônima e apoiada na transmissão oral, espelha particularidades étnicas determinadas.

Com o fim do isolamento cultural que a geografia impôs à humanidade durante séculos e com a crescente urbanização, muitas tradições desse caráter estão ameaçadas de total desaparecimento.

Historicamente, música popular era qualquer forma não folclórica muito difundida desde as canções dos menestrelis medievais e trovadores até peças musicais de grande refinamento, originalmente compostas para uma pequena elite. Na era vitoriana e no início do século XX, era a música dos Cabarés e Vaudevilles, mais tarde substituída pelas canções-tema das peças musicais.

Enquanto isso, as formas cultas da música ocidental pertencem a uma linhagem européia cuja origem remonta aos primórdios da civilização cristã.

Na prática, esses três grandes e diferentes universos estiveram sempre sujeitos à troca de influências. Basta recordar algumas canções de Schubert para perceber o quanto pode ser tênue a distinção entre a música culta e a folclórica. Se os elementos folclóricos se infiltram na tradição culta, também o oposto é verdadeiro. O alto grau de erudição musical em uma cultura influencia todos os níveis de criação.

Pode-se também afirmar que, em sentido mais amplo, a música folclórica poderia ser chamada popular, mas o uso associou o termo, atualmente, a uma produção mais efêmera e comercialmente bem-sucedida, divulgada através da indústria de entretenimento. Grande parte dessa música possui alta qualidade e sua produção envolve compositores, arranjadores e executantes profissionais, que tendem à especialização.

Através de música, as crianças aprendem e se divertem ao mesmo tempo, porém, não é fácil desenvolver um trabalho com músicas porque são veiculadas várias idéias através das mesmas que não cabem a um educador perpetuar. Então, se faz necessário conhecer os estilos preferidos pelas crianças e analisar cuidadosamente as letras das músicas para a partir daí realizar atividades que desenvolvam as habilidades e competências almejadas para os alunos.

A música está presente na vida do ser humano seja em casa ou na rua, sendo exemplo da diversidade cultural dos povos, expressando a riqueza criadora dos artistas.

A afirmação de Picasso “Todo mundo nasce gênio difícil é sobreviver à escola”, reforça a idéia de complexidade de se fazer educação, mostrando também que além de conhecer os alunos com os quais trabalha, seus limites e anseios é preciso desenvolver atividades que estejam vinculadas com o contexto sociocultural dos mesmos para colaborar com nova visão de educação que favoreça de forma efetiva e eficaz para aprendizagens significativas.

Através da música, o homem pode exercitar suas capacidades cognitivas, sensitivas afetivas, imaginativas, artísticas e estéticas, expressando em muitas letras, questões como problemas sociais e políticos, relações humanas, sonhos, medos, dúvidas, fatos históricos, entre outros.

A música pode causar diferentes reações nas pessoas. Uma mesma música pode causar alegria para uns e tristeza para outros.

Ela não pode ficar restrita a eventos como festas e datas comemorativas, por isso, a escola pode apropriar-se de músicas para desenvolver nos alunos dentre outras habilidades, o gosto pela leitura e escrita, onde os mesmos possam expressar seus interesses e preferências de acordo com seu contexto social.

O trabalho com músicas em sala de aula requer apenas um rádio, fitas ou cds, disposição e disponibilidade do professor.

A escola pode fazer inter-relação entre os interesses musicais dos alunos e os objetivos traçados, tornando as aprendizagens significativas.

4. O LÚDICO

É através das brincadeiras e das suas criações que o homem além de transformar, desenvolve-se adaptando-se então a sua atual condição de ser humano. É certo que as brincadeiras são frutos do uso da criatividade e da imaginação do ser que com passar dos tempos vê o mundo como uma escola onde acontece as mais variadas formas de aprendizagens.

4.1. O lúdico na aprendizagem

Todos os povos, dos mais primitivos aos mais civilizados, tiveram e têm seus brinquedos, seus jogos, suas brincadeiras. Num enfoque sociológico, os brinquedos e as atividades lúdicas, foram os responsáveis pela transmissão da cultura de um povo, de uma geração para outra. Essas atividades lúdicas podem ter objetivos diversos, usados para divertir, outras vezes para socializar, para promover a união de grupos e, num enfoque pedagógico, como um instrumento para transmitir conhecimentos.

Até o século XIX, a indústria de brinquedos não existia. Eram as oficinas e os artesões que os fabricavam. No século XX, com a Revolução Industrial, o lúdico também foi transformado em produto de consumo, de alta rentabilidade e de exportação. A história e a evolução do lúdico caminham juntas com os grandes movimentos da humanidade.

Uma pesquisa feita no Brasil (AFLALO, 1988), sobre fabricação e consumo de brinquedos, mostra-nos os mais vendidos de 1942 a 1986. As bonecas estão em primeiríssimo lugar; os meios de transportes em segundo, os bichos em terceiro; acessórios para brincadeiras, em quarto lugar, os jogos, em quinto; os utensílios domésticos, em sexto; e os instrumentos musicais, em sétimo e último lugar.

Temos muitas indústrias médias e pequenas, que produzem outros tipos de brinquedos e jogos, bem diferentes dos fabricados em larga escala. Algumas delas fabricam ainda de maneira artesanal, com madeira, tecido, palha e outros materiais. São brinquedos tradicionais

que resistem através dos tempos: piões, ioiôs, cavalinhos de pau, carrinhos de rolemã, arco e flecha, pernas de pau, pipas e bonecas de pano.

Se o brinquedo não fizer parte do cotidiano da criança, dificilmente ela vai incluí-lo na brincadeira. Vale ressaltar que a criança interpreta os papéis dos adultos à sua volta para compreender a vida.

Nem sempre a realidade da criança é repleta de luz, de alegrias. A infância feliz, sem preocupações e sofrimentos, essa infância leve e solta é muito comum nas poesias, nas crônicas dos escritores românticos e saudosistas, mas na vida real, especialmente a da criança carente, vinda de grandes perdas, o que predomina é a sofrimento, o medo e a dor.

Nem sempre a criança vive protegida, segura, amada, como deveria. Isto não quer dizer que ela não vai brincar, o seu brincar significa treinar para a vida.

A criança que vive ameaçada, que é espancada vai certamente também espancar outras crianças, vai espancar os animais, os brinquedos ou vai criar algum tipo de jogo para entender porque fazem aquilo com ela. Através do brincar de uma criança exposta a violência, podemos descobrir seus problemas, suas barreiras.

É possível perceber, que através do brincar a criança aprende a viver, a suportar as frustrações, a desenvolver competências. Em um espaço lúdico, tudo é propício para que estas competências se desenvolvam e a criança possa construir o adulto que vai ser, de maneira harmoniosa.

O brinquedo é um elemento importante no desenvolvimento da criança, mas dependendo da sua manipulação pelo adulto pode ser luz ou sombra: luz, quando usado para facilitar o processo de aprendizagem, para estimular o desenvolvimento físico, para recreação e para aliviar tensões; sombra, quando é imposto pelo adulto como instrumento de repreensão e controle. O brinquedo não deve ser usado como prêmio ou castigo. "Desconhecer e ignorar o real valor do papel do brinquedo é favorável a possibilidade de seu uso excessivo e abusivo". (UEMURA, 1988, p. 51).

Para a criança, o brinquedo e o brincar não são só um prazer. Algumas vezes é um sofrimento. Observando uma criança absorta em sua atividade séria de brincar, vamos descobrir seus medos, seus problemas, suas preferências suas alegrias e tristezas.

Alguns estudiosos se anteciparam e foram responsáveis pelo início do uso lúdico na educação. Desta forma é imprescindível destacar a contribuição de alguns destes precursores.

Vamos começar por Jean-Jacques Rousseau, que foi o maior pensador do século XVIII. Ele resgatou indiretamente o lúdico, pois, pedindo que tratassem a criança conforme sua natureza, dava abertura para que ela fosse simplesmente criança e o que ela mais gosta de fazer é brincar. Rousseau defendia a idéia que a “criança vive para brincar e brinca para viver, brincar é treinar para a vida”.

Outro estudioso que vale a pena citar é Friedrich Fröbel, seguidor de Rousseau, foi o primeiro pedagogo a induzir o lúdico como elemento facilitador no processo de aprendizagem. Acreditava que a brincadeira é o mais alto nível de desenvolvimento infantil, porque ela é a manifestação livre e espontânea do interior, a manifestação do interior exigida pelo próprio interior.

Mas tarde influenciada pelas idéias de Rousseau, Fröbel e outros pensadores como os médicos Itard e Seguin, precursores da pedagogia de crianças deficientes mentais, Maria Montessori passou a dedicar-se a educação de crianças carentes utilizando método e material semelhante ao usado para crianças deficientes. Hoje em quase todo o mundo o trabalho da doutora passou a ser conhecido como método e material Montessoriano. O lúdico na aprendizagem foi estruturado e desenvolvido ao longo do tempo, e cada pensador conseguiu dar sua contribuição valiosa. Hoje em dia é indiscutível a importância e a eficácia de se ensinar utilizando jogos e brincadeiras, tendo em vista que tal método é uma ferramenta que tanto tem contribuído no processo de ensino-aprendizagem.

Hoje é possível encontrarmos várias escolas que trabalham com o lúdico, nestas encontramos espaços criados com carinho, para estimular a criança a brincar. O espaço lúdico deve causar um impacto em todos que nele entrem, principalmente nas crianças, estas devem se sentir tocadas pela alegria e pela curiosidade.

Por meio do brincar, a criança estabelece relações e produz conhecimentos diversos. As conquistas obtidas pelo ato de brincar se estendem a todos os campos do desenvolvimento humano. São aspectos que decorrem da vivência do brincar:

- desenvolvimento da linguagem corporal;
- ampliação do vocabulário;
- estímulo a inteligência;
- exercício da concentração e da atenção;

- estímulo à curiosidade, à iniciativa e à autoconfiança;
- elaboração de hipóteses da criança frente ao mundo obtidas a partir da investigação de dúvidas em relação à vida e da reflexão sobre fantasia e realidade;
- descoberta de potencialidades;
- exercícios de habilidades;
- aproximação do outro, o convívio social;
- interação, o amadurecimento emocional;
- vivência das pulsões agressivas simbolicamente;
- tradução da realidade para o contexto infantil;
- diminuição do sentimento de impotência da criança provocado pelo tamanho e pela força dos adultos;
- possibilidade de a criança criar, transformar e construir suas respostas colocando em jogo sua fantasia.

É possível concluir que o lúdico é de suma importância para a vida de todas as crianças, pois brincando a criança descobre o mundo, aprende e se desenvolve. Os tipos de brincadeiras e a forma de brincar se modificam de acordo com a etapa de desenvolvimento que a criança apresenta.

A brincadeira auxilia no desenvolvimento global da criança. A criança exercita e organiza o pensamento, a noção de individualidade, a linguagem, a necessidade de perseverar entre outras. Na brincadeira a criança exprime seus medos, desejos e experiências. De forma simbólica o brinquedo torna-se um meio de expressão.

Se o brincar é algo tão importante no desenvolvimento da criança, é também fundamental para o desenvolvimento da linguagem e da fala. A criança aprende por intermédio da interação com o ambiente. Essa interação é também realizada com o ato de brincar. A falta de brincadeiras pode deixar seqüelas, como dificuldades em se relacionar, medos, e outras ainda mais graves.

Cabe a nós educadores a busca constante de um melhor atendimento das necessidades de nossos alunos, e propiciar um ambiente lúdico e prazeroso em nossa sala de aula não só ajuda no desenvolvimento global de nossas crianças, como também torna o ensino-aprendizagem mais eficaz e satisfatório.

4.2. A importância da brincadeira

Segundo o Currículo da Educação Infantil, “a função do brincar na infância é tão importante e indispensável quanto comer, dormir, falar. É por meio dessa atividade que a criança alimenta seus sistemas emocionais, psíquicos e cognitivos”.

Observa-se que por meio da brincadeira a criança elabora sua existência por meio da linguagem do brincar, do lúdico e das interações com seus pares.

Ainda de acordo com o currículo a brincadeira permeia a própria existência humana, porém, durante os seis primeiros anos, a criança utiliza-se dessa linguagem para expressar e compreender o mundo e as pessoas. Observa-se que por meio dessas ações a criança vai desenvolvendo gradativamente as competências necessárias para atuar no mundo.

Sabe-se que a arte de brincar para a criança representa uma possibilidade dela ter um espaço em ação. Esse é sem dúvida um elemento importante: a criança toma a decisão para si, isso lhe dá a chance de experimentar sua autonomia perante o mundo.

Forma de comunicação integrada, a brincadeira, marcada pelo faz-de-conta e pela magia, é uma atividade que contribui para uma passagem harmoniosa da criança para o mundo das atividades reais da vida cotidiana, com outros significados.

Observa-se que ao brincar a criança entra definitivamente no mundo das aprendizagens concretas. Ela elabora hipóteses e as coloca em prática, constrói objetos, monta e desmonta, enfim ela manipula todas as possibilidades dos objetos de seu universo de acesso.

No faz-de-conta, a criança realmente tem a chance de construir sua própria realidade: utiliza-se elementos concretos, de seu dia-a-dia e lhes atribui outro sentido. Na esfera do faz-de-conta, uma pedra vira chocolate, a boneca vira um nenê de verdade, com o qual se conversa.

A criança utiliza um objeto como se fosse outro este fato segundo o Currículo de Educação Infantil, é uma forma de metarrepresentação, já que a criança conhece o objeto, mas atribui-lhe outra propriedade para obter os efeitos desejados.

É aí que se estabelece a forma de comunicação que pressupõe um aprendizado, o qual permite entender diferentes tipos de comunicação, em um mundo de invenção e de imaginação.

Ao mesmo tempo em que o brincar permite que a criança construa e domine cada vez melhor sua comunicação, faz com que ela entre em um mundo de comunicações complexas, que mais tarde são utilizados na educação formal.

Brincando a criança toma decisões, desenvolve sua capacidade de liderança e trabalha de forma lúdica, seus conflitos. Na Educação Infantil, a criança se percebe como sujeito de direitos e deveres; ela está num grupo, tem que conviver e negociar com ele o tempo todos e as brincadeiras e as interações dirigidas ou não, se misturam num eterno novo fazer todos os dias.

É importante que o adulto saiba e compreenda que a criança tem necessidade de brincar, de jogar por jogar, pelo simples prazer, não por obrigação, nem com hora marcada ou nem para conseguir objetivos alheios.

É essa liberdade, essa ausência de exigências externas que faz com que se aflores e estimule a iniciativa, a criatividade e a invenção. Nesse sentido a brincadeira proporciona benefícios indiscutíveis no desenvolvimento e no crescimento da criança. Por seu intermédio, ela explora o meio, as pessoas e os objetos que rodeiam, aprende a coordenar variáveis para conseguir um objetivo.

O jogo cria uma zona de desenvolvimento própria na criança, de maneira que, durante o período em que joga, ela está sempre além da sua idade real, constitui-se, assim, uma fonte importante de desenvolvimento.

O brincar proporciona esse desenvolvimento, por ser tratar de uma atividade que possibilita espaço para ensaiar, provar, explorar, experimentar e, ao final, interagir com as pessoas e com os objetos que estão ao redor.

Os jogos vão se estruturando conforme o estágio evolutivo da criança. No começo predominam os jogos sensório-motores, de caráter manipuladores e exploratórios. Como passar do tempo, mudam-se os jogos, seus objetivos e seus fins. Mais adiante ainda, a criança é capaz de participar de jogos que envolvem regras, neles podem coordenar suas próprias ações com a dos companheiros de jogos.

Os jogos sociais favorecem e incrementam novos repertórios, novas aprendizagens. Assim a criança passa pela infância, chega à vida adulta, dando e imprimindo sua própria marca e seu próprio significado a vida.

Carneiro afirma que desde os povos primitivos, a atividade lúdica pode ser observada, quer como forma de socialização, quer pelo seu caráter religioso, quer como processo educacional observando os princípios do respeito, da ética e da moral. A sua prática foi utilizada enquanto divertimento, exercício, gasto de energia e aprendizagem.

Historicamente, os jogos e brincadeiras tornaram-se atividades com sentido e função social.

Já existiam jogos e brincadeiras entre os mesopotâmicos. Entre os egípcios os jogos tinham um significado religioso.

Dependendo da classe social, variavam-se as matérias primas para a confecção dos brinquedos os quais eram feitos para a distração das crianças.

Ainda segundo Carneiro, a vida ao ar livre à beira do Nilo possibilitava as crianças de correrem, nadarem, saltarem, subirem em árvores... Enfim de divertirem-se completamente. Possuíam bolas de argila com pedrinhas dentro, bonecas confeccionadas com materiais variados, desde ouro até papiro.

Dentre os antigos, talvez o maior uso das brincadeiras e jogos tenha sido feito pelos gregos que utilizavam como forma de educar as crianças, além de realizá-los como prática esportiva e de lazer. Aristóteles e Platão atribuíam valor educacional às brincadeiras e jogos. Sabe-se, por exemplo, que Sócrates brincava com seus filhos.

As mudanças no mundo moderno e a corrida pelo conhecimento tornaram-se um fator determinante para a competitividade. Por isso, as crianças têm sido vítimas de inúmeras atividades impostas, por exemplo, pais têm matriculado seus filhos em escolas especializadas em desenvolver a orientação, a concentração etc. Ao invés de buscar desenvolver habilidades e competências através da brincadeira e dos jogos que as próprias crianças inventam de acordo com seu tempo e gostam muito. Nos anos 80 e 90 era muito comum observar crianças brincando nas ruas de pique-pega, corre cotia, pique-esconde, dentre outras. Atualmente a brincadeira preferida das crianças é no computador. Precisa-se de incentivar o gosto por vários tipos de brincadeiras e jogos para que as crianças desenvolvam suas aprendizagens por completo.

Talvez dessa forma, através da atividade lúdica, dada as características que possui, poderia ser um dos fatores favoráveis à construção de um mundo mais humano e, até mesmo, como uma forma de combate à violência. Através de jogos e brincadeiras as crianças exprimem seus desejos, fantasias e medos, além de liberarem muita energia. Assinala Neto (1997),

As rotinas das crianças estão associadas diretamente à padronização dos estilos de vida da família, da escola e da própria sociedade. Isso tem levado a um estilo de vida bastante sedentário e, muitas vezes, até mesmo prejudicial à saúde física, intelectual e emocional das crianças.

Para que os jogos e brincadeiras desenvolvam estruturas cognitivas, que conduzam às aprendizagens significativas, à construção, reconstrução e desenvolvimento de várias habilidades, é necessário que sejam valorizados como experiências de vida, tornando-os como ponto de partida do processo de ensino e aprendizagem.

As atividades de “brincar e aprender” visam, através da ação do sujeito, consolidar esquemas motor-afetivo-cognitivo, com vistas ao desempenho satisfatório de funções de contato como: olhar, mover-se, escutar, cheirar, sentir, só possíveis de se efetivarem nas trocas com o meio e com os outros. Sendo o conhecimento construído pelo sujeito, a partir de sua ação através de jogos de exercitação, simbólicos e sociais, essas atividades propiciam:

- O aprender, fazendo;
- O descobrir, investigando;
- O imaginar, jogando o possível para além das fronteiras do vivenciado.

Constata-se uma ampliação do repertório de gestos instrumentais, os quais contam com progressiva precisão. Atos que exigem coordenação de vários segmentos motores e o ajuste a objetos específicos, como recortar, colar, encaixar pequenas peças, etc, sofisticam-se. Ao lado disso, permanece a tendência lúdica da motricidade, sendo muito comum que as crianças e adolescentes, durante a realização de uma atividade, desviem a direção de seus gestos; é o caso, por exemplo, da criança que está recortando e que de repente põe-se a brincar com a tesoura, transformando-a num avião, numa espada etc. Daí a importância da reciclagem, os alunos reutilizam materiais, desenvolvem atividades motoras e ainda estimulam sua criatividade.

As brincadeiras variam muito conforme a cultura regional apresentando-se como oportunidades privilegiadas para desenvolver habilidade no plano motor, como empinar pipas, jogar bolinhas de gude, atirar com estinligue, pular amarelinha etc. Envolvendo gesto, movimento, canto, dança e o faz-de-conta, jogos e brincadeiras estabelecem contato consigo e com o outro.

As brincadeiras facilitam o crescimento corporal, coordenação percepto-motora além da socialização. Contribui para a vida afetiva, pela satisfação encontrada na atividade voluntária e pelo alívio e bem-estar. Exercitam o desenvolvimento cognitivo por meio da imaginação e também pelo processo mental complexo (comparação, discriminação, conceituação, interpretação, criação de regras, etc.) e pelo estímulo visual (trocas, velocidade, ir, vir, cores, formas, etc.), habilidades de comunicação (oral, postural, gestual, gráfico, artística, etc.). Facilitando assim, a auto-expressão. Ajuda também as crianças e adolescentes a descobrirem-se e descobrirem o outro, aprendendo a respeitar regras e limites.

As brincadeiras e jogos ao ocorrer em situações sem pressão, em atmosfera de familiaridade, segurança emocional e ausência de tensão ou perigo, proporciona condições para aprendizagem das normas sociais em situações de menor risco. A conduta lúdica oferece oportunidades para experimentar comportamentos que, em situações normais, jamais seriam tentados pelo medo do erro ou punição. (KISHIMOTO, 1998: 140)

Brincar está para aprender, como a ação está para a construção do ego, pela interação do corpo com o mundo físico e com o mundo dos outros.

O termo brincar segundo Ferreira significa divertir-se, folgar, gracejar, entreter-se, distrair-se alegremente, divertir-se infantilmente, proporcionando alegria e prazer. Brincar proporciona alegria e prazer, permitindo ao homem reconstruir-se e reconstituir-se. A brincadeira tem papel importante na formação global da personalidade do sujeito.

Piaget diz que “ conhecer não é contemplar passivamente, mas agir sobre as coisas e acontecimentos, construindo-os e reconstruindo-os em pensamento”. Assim, brincar pode ser traduzido por oportunizar ao sujeito a ser, a tornar-se, a criar, a participar, a transformar a si e ao seu contexto e a ser feliz.

O homem já traz consigo uma rica experiência na prática do seu brincar que, na maioria das vezes, não é valorizada pela escola. O que contribui para uma perda na aprendizagem ao invés de enriquecê-la. O brincar, nesse espaços educativos, precisa estar num constante quadro de inquietações e reflexões dos educadores que o compõem. A escola deve proporcionar espaços que enriqueçam as brincadeiras, pois, é nesses espaços que se exercita a relação afetiva com o mundo, com as pessoas e com os objetos.

O lúdico é tão importante para o ser humano que precisa ser mais considerado.

O trabalho com o lúdico no âmbito escolar deve ser visto além de uma simples brincadeira. O professor deve ter clareza de objetivos que desenvolvam e enriqueçam o conhecimento dos alunos. A ligação entre o lúdico e a literatura se dá na prática de proporcionar aos alunos momentos de comunicação, imaginação e criatividade. Trata-se de estimular o sujeito a pensar, sentir e agir no mundo real e no mundo imaginário. “(...) a valorização da literatura infantil, como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis, bem como dentro da vida cultural das sociedades é conquista recente...”. (COELHO, 1987, p.12)

Nessa perspectiva, a autora nos remete a idéia de que a literatura expressa a experiência do homem. Ao perceber-se, perceber o meio e o outro, o homem começou a perceber também a necessidade de formação das mentes infantis e juvenis onde uma das maneiras de alcançar é por meio da valorização da literatura. O homem notou que por meio da literatura pode buscar e ampliar o conhecimento de si, do mundo e do outro.

Dessa maneira, no contato com o lúdico aliado à literatura, o homem terá oportunidade de estar em contato com a realidade e a fantasia, conhecendo, imaginando, reconstruindo e adquirindo com isso experiências insubstituíveis.

5 A RECILAGEM

É toda transformação do velho no novo.

5.1 A reciclagem dentro de uma consciência ambiental

Estamos em uma encruzilhada. Não podemos mais arcar com os custos de tratar a terra, e seus recursos, como se fossem descartáveis. A reciclagem é uma forma fundamental de afirmar isso. Salvamos literalmente partes do planeta, mas o verdadeiro poder vem de nosso compromisso de tratar com carinho e proteger nosso lar, hoje e nos anos que virão.

Falar de reciclagem, quando está intrinsecamente relacionado a questão do lixo envolve conceitos e atitudes ligados à prática da educação ambiental, visto que somos nós parte integrante da natureza e um dos maiores responsáveis para uma melhoria ou transformação de atitudes que resultarão em resultados positivos ou negativos que gerarão uma possível mudança, somos assim a parte propulsora e integrantes de uma transformação ambiental.

(JAVNA, 1990, P. xiii).

Antes mesmo de iniciar sobre o assunto é imprescindível que nos atentemos para os diversos usos da palavra reciclagem.

- Definição oficial: A Agência de Proteção Ambiental (EPA) define reciclagem como “coleta, processamento, comercialização e uso de materiais considerado lixo”.
- Definição Clássica: O mesmo material é usado várias vezes para fazer o mesmo produto ou produto equivalente. Isso reduz a quantidade de materiais virgens necessários á fabricação.
- Definição para os plásticos: Reciclar sem retorno. Um recipiente plástico é usado uma vez, depois o material é usado em um artigo novo e diferente. Isso mantém temporariamente o material fora dos vazadouros, mas não diminui a quantidade de recursos utilizados para a fabricação do produto original

- Definição do fabricante: Se uma fábrica usar o mesmo material duas vezes, considera esse material reciclado. O mesmo se aplica se usarem restos.
- Definição econômica: reaproveitar alguma coisa.

À medida que falamos sobre a reciclagem aparecem indícios de que ela está relacionada á lixo, fazendo-se assim necessário dar um destino adequado a ele sem que se prejudique o meio ambiente uma vez, que é um dos grandes problemas da humanidade e que está fazendo parte diária da vida do ser humano, seja nas vias públicas, nos locais de trabalho, nas escolas, no espaço doméstico, ou até mesmo nos grandes e pequenos hospitais. Atinge também os pequenos centros urbanos embora a quantidade de lixo seja bem menor, mas que sofrem da mesma maneira a degradação ambiental e social relacionadas aos resíduos sólidos.

A geração de resíduos depende de fatores culturais, nível de hábitos de consumo, renda e padrões de vida das populações, fatores climáticos e das características de sexo e idade dos grupos populacionais”.

(BIDONE, 1999, p.14).

Assim acredita-se que a origem e a formação do lixo tem a ver com as atividades diárias do ser humano e com o seu desejo de Ter algo novo, se descarta aquilo que para ele já não tem mais valor. Essa atitude de todos nós só vem a gerar mais lixo.

Várias são as definições para resíduos sólidos e lixo. Em geral, são usados para designar os restos e as sobras, tanto no processo de produção quanto de consumo. Tomando o dicionário da língua portuguesa, Ferreira (1986), tem-se: lixo é aquilo que se varre de casa, dos jardins, da rua e se joga fora; Entulhos, sujidade, sujeira, imundice, coisas inúteis, velhas, sem valor, enfim tudo que não presta e se joga fora.

Acredita-se que algumas dessas afirmações necessitam de revisão. Existem publicações destacando o lixo como fonte de renda, portanto esse tem valor. Quanto as coisas inúteis e que não prestam, tem-se inúmeros trabalhos com oficinas mostrando que esses objetos foram reaproveitados e apresentam grande valor para quem o confeccionou.

O lixo também pode ser classificado de acordo com a sua origem: domiciliar, comercial, públicos Portos aeroportos, terminais rodoviários, industrial, agrícola. Hospitalar e entulho.

Aborda-se que a causa fundamental do problema do lixo é a existência de padrões de produção e consumo não sustentáveis, o que leva ao aumento, em ritmo sem precedentes, da quantidade e da variedade dos resíduos persistentes no meio ambiente. Essa tendência pode quadruplicar ou quintuplicar a quantidade de resíduos gerados nos próximos anos (SANTOS, 1999).

A qualidade de vida do homem começa a ter alterações e implicações, quando o próprio homem utiliza mais do que preserva, como é o caso da industrialização e da urbanização desenfreada, que vem afetando a qualidade de vida atual, pondo em risco a sobrevivência das futuras gerações. Diante disso necessita-se sensibilizar as pessoas desde a infância, quanto a responsabilidade na conservação e preservação ambiental.

Iniciar um processo de conscientização ambiental a partir dos resíduos sólidos é extremamente válido, pois este é um problema ambiental existente em todos os contextos sociais, logo, trata-se de algo concreto que pode ser visto, sentido e trabalhado para que se processe a aprendizagem significativa capaz de conscientizar.

Vem daí mostrarmos a importância e o papel fundamental que ela tem na transformação e na conscientização do indivíduo. Em relação à consciência ambiental, é ainda de responsabilidade dela ensinar comportamentos ambientalmente corretos, como um simples ato de pegar o papel do chão e colocá-lo na lixeira. Trabalhando os conteúdos ambientais em todas as disciplinas, percebendo a realidade da comunidade, a escola estará ajudando o indivíduo a ter uma visão do mundo em que vive.

Já que reciclar é possível e ao mesmo tempo importante para a formação e posteriormente a geração de atitudes positivas para o aluno podemos direcioná-los na certeza que reciclar vai muito além do que vender latinhas de alumínio, proporcionando assim, numa mudança de comportamento.

A possibilidade de reciclar jamais pode ser colocada como uma justificativa para o consumo de supérfluos, ela deve ser vista apenas como uma forma de alternativa de reaproveitamento dos materiais que formam o lixo permanente. Antes de se propor um processo de reciclagem é necessário que aja uma conscientização deste pensamento.

É certo que o homem sobrevive graças aos recursos naturais é preciso que limitemos a exploração desses recursos para que aumentem suas durabilidade. Sabendo-se também que a curiosidade e a vontade de experimentar são típicas da conduta humana, é ideal que se tente canalizar essas características em busca de soluções para preservação do planeta.

“Consumir e depois descartar”, assim tem sido a vida de muitas pessoas. Consumir agora, para atender suas necessidades do presente, depois se descarta e o futuro toma conta. Essa maneira de pensar leva-nos a uma reflexão de como estamos comprometendo as gerações futuras preocupando-se apenas com nossas próprias necessidades.

Inicialmente, o homem era submetido às leis da natureza, posteriormente tentou entendê-la e modificá-la. Com o início da produção agrícola e de produção de ferramentas de trabalho e de armas, surgiram os restos da produção e os próprios objetos, após a sua utilização, caracterizando assim uma sociedade consumista (BIDONE, 1999).

Os materiais que se usavam no início eram materiais em grande parte de origem natural e não causavam grandes impactos ao meio ambiente. O crescimento demográfico e a densidade populacional não tinham a importância que há na atualidade.

Segundo Almeida (2000), a reciclagem é o resultado de uma série de atividades, pela quais materiais que se tornariam lixo, ou estão no lixo, são desviados, coletados, separados e processados para serem usados como matéria prima na manufatura de novos produtos. A reciclagem pode trazer vários benefícios, entre eles: diminuição da quantidade de lixo a ser enterrada, economia de energia e diminuição dos impactos ambientais, novos negócios e geração de empregos diretos e indiretos.

Na transformação do velho para o novo, ou seja, quando um aluno trabalha com um material que seria jogado fora por ser velho e percebe que esse material pode ser transformado em algo de nova utilidade, pode acontecer desse aluno vir tomar consciência da importância desse processo entendendo que a reciclagem é um dos meios para a minimização do lixo e que poderá proporcionar momentos muito prazerosos com as suas criações.

Os benefícios da reciclagem que foram mencionados acima garantem que esta temática possa ser trabalhada de forma a construir no educando pensamentos capaz de gerar transformações e conduzir mudança de comportamento. Reciclando o material que estão trabalhando os alunos passam a ver o lixo de outra maneira, poderão ter uma visão crítica do que estão fazendo para a melhoria do meio ambiente.

Quando a reciclagem é feita dentro do ambiente escolar é necessário que siga alguns passos para obter resultados mais positivos, como:

- Estar certo de como começar – criar um comitê interessado em reciclar.
- Identificar os materiais que podem ser reciclados.
- Selecionar os materiais que são mais fáceis de se encontrar nas escolas, tais como, papéis, latas, garrafas, jornais, caixas.
- Quem serão os responsáveis em recolher os materiais, administrar, coordenar, e organizar os materiais em local específicos.
- Local adequado para ser guardado os materiais.

Outra observação que podemos notar, é quanto á questão, que reciclar não só se resume a transformar lixo em algo útil, esta polêmica vai além desta visão. Portanto cabe a escola como centro detento e do saber, abordar este assunto de forma a expor ao aluno os benefícios da reciclagem.

O professor tem que estar atento, pois, quando este tema é trabalhado dentro das escolas, ele não pode apenas ser resumido a uma questão relacionado a natureza devido a amplitude de informações que o compõe, e sim deve ser trabalhado de forma global.

5.2 As oficinas num enfoque pedagógico

Perpassando os tempos e vendo quão importante é o papel da escola observamos que podemos de alguma maneira está trazendo para a realidade de nossas crianças essa consciência ambiental associada com o prazer da leitura, daí o porquê das oficinas pedagógicas nas instituições escolares.

Segundo o dicionário da língua portuguesa - Ferreira (1999), oficina é o “lugar onde se verificam grandes transformações”.

As oficinas constituem-se num recurso metodológico da pesquisa – ação, instrumento que viabiliza a intervenção, uma vez que abre perspectiva para a construção vivencial do conhecimento (ZANETI, 1997).

Por meio de uma oficina é muito mais fácil gerar no aluno uma abordagem crítica. Acredita-se que na medida em que, a aprendizagem se dá de forma criativa, em que ocorre o manuseio do objeto estudado, jamais é esquecida, pois houve a experiência. Desta maneira trabalhando a reciclagem com as crianças além de facilitar o ato da leitura, tornando-o agradável, podemos ainda promover a sensibilização a fim de despertar nos mesmos, a busca de responsabilidade para melhoria da qualidade de vida.

Ainda fazendo jus as palavras de Zaneti (1997), a construção de oficinas pode ser divididas em etapas:

Primeira etapa: é a sensibilização, é o momento em que vai acontecer a aproximação, o entrosamento entre pessoas e o grupo e o afastamento do cotidiano, por meio da condução a um psíquico de interiorização da consciência.

Segunda etapa: A criação é a realização simbólica, é o momento onde os participantes estarão vivendo o processo de criação, o exercício da experiência vivida e da liberdade criativa, partindo da experiência individual para a coletiva. Esse momento dentro da reciclagem é o processo artesanal.

Terceira etapa: é a reflexão: essa etapa como as anteriores também são de muita importância é nela que é feita a análise do que foi concluído, dos valores, dos princípios. É o momento em que o grupo expõe o trabalho e avalia o que aconteceu durante o processo.

Quando falamos em oficinas pedagógicas não devemos apenas ter em mente que as mesmas só podem ocorrer dentro das escolas, às oficinas também podem ser realizadas fora da escola. Segundo Andrade (1995), o trabalho com oficinas podem ser feitos em instituições, como as empresas, comunidades, associações e ainda, nas universidades que queiram participar e trabalhar, na busca de soluções para uma melhoria de vida em nosso planeta. Ao fazer isso, estaremos ajudando a preservar o meio ambiente e a recuperar valores humanos,

que parecem estar se perdendo com o tempo: o respeito, a solidariedade, o desprendimento e o amor ao próximo e a natureza.

Muitos pensam que fazer oficinas é só pegar um objeto e transformá-lo em outro, exemplos: usar folhas de jornais para fazer cestas, bandejas, etc. Existem também as oficinas ecológicas, essas envolvem passeios que depois serão comentados através de poesias, prosas, e pinturas. Também, é falado de oficinas que utilizam recursos diferentes, como as mãos tocando o corpo (trabalhando o aparelho respiratório).

Com certeza na utilização da reciclagem e das oficinas criadas com ela provavelmente conseguiremos uma visão favorável dela e uma tomada de decisão para um futuro melhor. Pois, atualmente as pessoas estão começando a compreender a necessidade de fazer alguma coisa para ajudar a resolver a crise do lixo e dos recursos. Isso é um bom começo para iniciar um processo de mudança de comportamento.

Tomando as palavras do currículo como referência nesta transformação, vemos que os seres vivos se integram num universo plural, habitam o planeta e interagem entre si por meio de trocas de energia, esse conjunto de relações e elementos constitui o meio ambiente. Esses elementos não se explicam somente do ponto de vista físico e biológico, uma vez que todas as relações estabelecidas envolvem relações econômicas, sociais, e culturais. Ao longo do tempo (da história), o homem transformou-se pela modificação do meio ambiente criou cultura, estabeleceu relações econômicas modos de comunicação com a natureza e com os outros.

Porém, é preciso refletir como devem ser essas relações, para que se tornem decisões adequadas a cada passo, na direção das metas obtidas por todos. (CURRÍCULO, p. 20).

5.3 Reciclagem e literatura

A sociedade mudou. E com ela fez grandes mudanças em todas as áreas sociais, inclusive na educação. A globalização, as crises mundiais, os valores, o sistema, a Lei de Diretrizes e Bases da educação entre outros vêm transformando cada vez mais a educação.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) trouxe um cenário surpreendente, uma mudança de paradigma na educação básica que transforma a escola em laboratório de aprendizagem. As

mudanças decorrentes da LDB vêm deixando os profissionais da educação curiosos e mais suscetíveis para discutir o trabalho pedagógico que vêm desenvolvendo.

A LDB prevê em seu artigo 32 inciso III que “o ensino fundamental terá por objetivo a formação do cidadão mediante o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores”. Para isso, é imprescindível o trabalho interdisciplinar na escola onde se possa trabalhar de maneira contextualizada. A escola atua, modifica e sofre influências do meio, portanto, precisa realizar um trabalho onde o dia-a-dia seja valorizado e respeitado. Onde os discentes possam interagir e conseqüentemente refletir, buscar alternativas e transformar suas realidades. Nesse sentido, o trabalho com reciclagem enriquece e contribui com a literatura infantil, uma vez que o mesmo se torna um trabalho de conscientização sobre o meio ambiente ao mesmo tempo em que torna a leitura um ato de prazer.

O homem transformou-se no que é hoje graças ao relacionamento com o meio em que vive e partindo-se desse relacionamento pôde modificar e adaptar o ambiente. Porém, atualmente, o relacionamento do homem com seu meio não tem sido dos melhores. O homem tem retirado do ambiente o que lhe favorece, o que de certa forma pode lhe trazer conforto e segurança, mas, vem esquecendo de tomar decisões adequadas para que haja qualidade de vida e preservação do equilíbrio ambiental.

Diante disso, a escola ao trabalhar com a reciclagem está contribuindo para melhorar a relação do homem com seu meio. Desenvolvendo um trabalho onde as crianças e adolescentes possam se interessar pela leitura ao mesmo tempo em que criam hábitos e atitudes em relação ao meio ambiente, ampliam-se as noções dos tipos de meio ambientes e as relações que o homem vem tendo com o mesmo. Os alunos reconhecerão que qualidade de vida está ligada na relação que têm com o meio em que vivem. E que a qualidade do meio depende das atitudes e dos hábitos que os mesmos tenham em relação a esse meio, assumindo uma postura reflexiva, crítica e transformadora.

Ao utilizar materiais recicláveis para construir, por exemplo, uma boneca e “fazer de conta” que a mesma é a Branca de Neve da história que acabou de ler ou que vai ler, os alunos estão desenvolvendo diversas habilidades e competências além de tornar o ato da leitura um momento de descontração.

A construção de brinquedos para encenação de uma história contribui para desenvolver nas crianças e adolescentes o gosto pela leitura e está em consonância com o que prevê a educação atual: o discente constrói o próprio conhecimento.

A criança conhece e vivencia a partir do brinquedo, do brincar. E é com base nessa relação que a mesma reconhece e compreende sua realidade..

Reciclando, como a própria palavra sugere quer dizer refazer, reutilizar. Ao refazer, reutilizar, o indivíduo aprende que se pode utilizar uma garrafa que foi feita para guardar refrigerante como um porta-lápis ou na construção de um personagem de uma história, bastando para isso de boa vontade, alguns materiais e muita, muita criatividade.

Observando uma professora na aplicação de uma aula onde os alunos leram uma história e foram conduzidos para a elaboração dos personagens e apresentação da história lida.

Desde a confecção até a dramatização com o uso de fantoches confeccionados pelos próprios alunos, pôde-se notar o entusiasmo e interesse dos mesmos em manipular, observar, criar hipóteses, solucionar e produzir. Em uma atividade como a descrita anteriormente, o professor já pode estar contribuindo para o desenvolvimento de hábitos e atitudes em relação ao meio. Questionar por exemplo, como está sendo organizado o nosso lixo, o que podemos fazer em relação ao próprio espaço escolar para manter certa qualidade de higiene. Propor uma observação ao redor da escola para ver as condições do ambientes e depois o que se pode fazer par manter ou melhorar o mesmo.

Pode também propor pesquisa com o intuito de descobrir como está o meio ambiente mundial e as conseqüências disso para o homem. A partir daí, levar as crianças a se interessarem em utilizar o que aparentemente é lixo na construção do conhecimento. Utilizando a reciclagem como recurso na literatura infanto-juvenil as aprendizagens tornam-se significativas, interdisciplinares e realmente a favor de uma educação voltada para a reflexão e a transformação social.

6 CONCLUSÃO

“Educar é preciso”. A tarefa do professor frente a educação jamais pode ser esquecida. Mesmo entre todas as dificuldades que surgem, o mestre, o educador deve mostrar o seu “ser” artista e buscar meios que venha a facilitar o aprendizado dos seus alunos.

Esperamos que esta experiência venha a contribuir e motivar os amantes da educação, aqueles que em meio a tantos problemas e dificuldades de recursos materiais não cruzam os braços, aqueles que frente aos temas transversais esperam que suas experiências também sirvam para que seus colegas tenham uma visão igual ou mesmo parecida da importância que nós temos em relação ao mundo, e da nossa interferência no cotidiano e na formação do indivíduo.

Cabe ao educador trabalhar com seus alunos os motivando para mudanças de comportamento, diariamente de forma individualizada ou em grupos, objetivando a forma diferenciada de pensamento, promovendo também a sensibilização, a fim de despertar nos mesmos, a busca de responsabilidade para melhoria e qualidade de vida. Trabalhando com o tema, ainda oportunizaremos a construção de algo novo, proporcionando momento de total prazer. Uma das maneiras legais de se trabalhar a reciclagem é o processo artesanal, é a transformação em minutos de algo velho que se transforma em novo como objeto de arte.

As oficinas pedagógicas são um excelente meio para se trabalhar com os alunos, através desse recurso criaremos possibilidades de exploração do mundo, pois o educando sai da rotina do dia - a - dia da sala de aula e ainda consegue desenvolver habilidades que os trarão satisfação pessoal, utilizando sempre a criatividade e imaginação com, criação de brinquedos, com as artes que envolverão danças, paródias, representação, criação de brinquedos, etc. tudo desenvolverá gradativamente seu potencial imaginativo fazendo-o produzir e ter nova visão de mundo, porque quando se cria algo não é tão facilmente esquecido. Sem falarmos quanto conheceremos nossos alunos. O professor junto as oficinas

podem além de conhecer melhor seus alunos também trabalhar questões como agressividade interação, timidez, rejeição, representação, criticidade entre outras.

Acreditamos também que para se ter uma boa desenvoltura textual precisamos gostar do que estamos fazendo e é justamente a ligação que a reciclagem faz com a literatura que irá proporcionar isto. Esperamos que esse trabalho possa contribuir ainda com a auto avaliação para que melhoremos cada vez mais como pessoas. Pensamos ainda que a reciclagem é uma forma que se tem para minimizar o problema do lixo, mas não a única. Portanto, saber que antes de reciclar podemos estar reutilizando, é o mais difícil, porém o mais importante é saber que somos responsáveis por muita transformação aqui na terra.

A reciclagem ainda proporciona a prática que motiva e conscientiza, levando o aluno a uma transformação como sujeito dos seus próprios conhecimentos, fazendo então articulação entre o vivido e o aprendido.

Os conhecimentos adquiridos devem também levar os alunos a se entenderem, entenderem o outro e entenderem o mundo. Contribuindo então para o exercício da cidadania.

Precisamos ainda criar coragem de mudar, de romper com o processo, precisamos transformar o ato comum num ato de conhecimento de vida, enxergando o outro, despojando-se de preconceitos, questionando valores arraigados no consciente e assim transpor a busca do ser maior que está dentro de nós mesmos.

Dificuldades surgirão para a realização do trabalho de reciclagem, porém jamais o mestre poderá desistir, este deve sempre ter em mente que o dever o chama, ou seja, facilitar a aprendizagem dos alunos, portanto deve procurar o seu lado artista e tentar ser criador. Fazendo então do seu conhecimento e prática uma maneira diferente de educar. O aluno que descobre as sedutoras possibilidades das técnicas, junta com o entusiasmo favorecido por muitas circunstâncias poderá ser cativado na sua socialização que terá como atributo a comunicação, a oralidade seja direta ou indireta, refletindo assim como meio legítimo de uma ascensão.

REFERÊNCIAS

- APRENDENDO A APRENDER, PAZOS, Inês da Silva. **Literatura infanto – Juvenil**. Brasília: Dupligráfica, 2004.
- ABRAMAVICH, Fanny. **Literatura infantil** – Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. **Teoria da literatura**. 7. ed. Coimbra, Almedina, 1986.
- ALENCAR, E.S.& Fleith.D.S. **Criatividade**. Brasília: Unb. 2003.
- ALMEIDA, M.L.O. e VILHENA, A. **Lixo Municipal**: Manual de gerenciamento Integrado. São Paulo: IPT/ CEMPRE, 2001.
- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1982.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **“O lutador”**. In: Obra completa. 2. ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1967. p.126.
- ANDRÊS, Maria Helena. **Os caminhos da Arte**. Ed Vozes LTDA, 1977, RJ.
- BIDONE, F.R. & TEIXEIRA, E.N. conceitos básicos. In: Bidone, F.R. (org). **Metodologias e Técnicas de Minimização, Reciclagem e Reutilização de resíduos sólidos urbanos**. Rio de Janeiro: ABES – Associação Brasileira de engenharia Sanitária e Ambiental, 1999.
- BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasília, 2003.
- BRASIL. SECRETARIA DE ENSINO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1º e 2º ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- CARNEIRO, Maria Ângelo Barbato. O espaço e o tempo de brincar um tesouro a ser preservado. **Abc do Educativo**. São Paulo, n.18, s.d.
- CARVALHO, Bárbara V.de. **A Literatura Infantil - Visão Histórica e Crítica**. São Paulo: Ed. Global, 1989.
- COELHO ,Nelly Novaes . **A obra literária e expressão lingüística**, RJ: Vozes, 1993.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: história, teoria e análise**. 4. ed. São Paulo: Queron, 1987.
- COLI, Jorge. **O que é arte?** Editora brasiliense, São Paulo, 1995.
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária**, São Paulo: Beca Produções Culturais LTDA, 1999.

- CUNHA, Maria A. Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 16ª edição. Editora Ática.
- GUIMARÃES, Gerardo M. **Repensando o Folclore**. Editora Mande Ltda, SP, 2002.
- CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Ensino Fundamental de 1º a 4º série**, Brasília, 2000. DISTRITO FEDERAL.SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Oficinas de aprendizagem: auto-estima e processos criativos/** Secretaria de Estado de Educação: Subsecretaria de Educação Pública. Brasília: Secretaria de Estado de Educação, 2004.
- DOHME, Vânia. **Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003
- FERREIRA, B de H. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. RJ: Nova Fronteira, 1986.
- GUIMARÃES, Gerardo M. **Repensando o Folclore**. Editora Mande Ltda, SP, 2002.
- JAVNA, John. **Manual da Reciclagem – Coisas simples que você pode fazer**, RJ: José Olímpio. 2000.
- KHÉDE, Sônia salomão. **Mercado Aberto**, Rj: Novas Perspectivas. 1986.
- MOISÉS, Massaud. **A criação Literária – Poesia**, São Paulo:Cutrix.1989.
- NICOLA, José de. **Língua, literatura e redação I**. São Paulo: Scipione, 1994.
- PEREIRA, Maria do Carmo Coelho. **Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Língua Portuguesa I**, vol. 7. Brasília, Uniceub, 2004.
- RODRIGUES, Rejane Penna. **Brincalhão: uma brinquedoteca itinerante**, RJ: Vozes, 2000.
- SANTOS, R.M.G. **Criança no lixo, nunca mais**. Brasília: Athalaia, 1999.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** (v.6). Brasília: MEC/SEF.
- TUFANO, Douglas. **Estudos de Literatura**. 4ªedição, São Paulo: Modernas, 1990.
- VIRGOLIM, Ângela M. Rodrigues. **Toc,toc...plim, plim!:** lidando com as emoções, brincando com o pensamento através da criatividade. Campinas, SP, 1999.
- ZANETI, I.C.B.B. **Além do lixo – Reciclar: um processo de transformação**. Brasília: Terra Uma,1997.

